

ISSN 2447-2905

ANAIS DO XVIII FÓRUM PARANAENSE DE
MUSICOTERAPIA E II SEMINÁRIO
PARANAENSE DE PESQUISA EM
MUSICOTERAPIA

Uma publicação da

Associação de Musicoterapia do Paraná

Volume 18 / 2017

Anais do XVIII Fórum Paranaense de Musicoterapia nº 18 / 2017

Associação de Musicoterapia do Paraná
Gestão 2017 - 2018

Presidente: Claudimara Zanchetta

Vice-presidente: Mariana Lacerda Arruda

1º secretária: Maeve Andrade

2º secretária: Fernanda Franzoni Zaguini

1º tesoureira: Luciana Lançarim

2º tesoureira: Fernanda Pivatto

Departamento Divulgação: Fernanda Zaguini e Lázaro Nascimento

Departamento Científico: Mariana Arruda e Andressa Dias Arndt

Departamento Patrimônio: Luciana Lançarim

Departamento Sócio-Cultural: Marcos Sakuragi

Conselho Fiscal: Claudia Prodossimo, Sheila Beggiato e Clara Piazzetta

Comitê de Ética: Rosemyriam Cunha, Eulide Weibel e Jonia Dozza.

© 2017 ASSOCIAÇÃO DE MUSICOTERAPIA DO PARANÁ

PERIODICIDADE ANUAL

Os anais referentes ao Fórum Paranaense de Musicoterapia compõem uma publicação da Associação de Musicoterapia do Paraná. As opiniões expressadas nos artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores. Os artigos e documentos deste volume foram publicados com autorização de seus autores e representantes.

Somente on-line

Anais do XVIII Fórum Paranaense de Musicoterapia e II Seminário Paranaense de Pesquisa em Musicoterapia / Associação de Musicoterapia do Paraná

Musicoterapia, . – n. 1, (1998). – Curitiba, n 18, (2017)

Anual

Resumo em português e inglês

ISSN 2447-2905

1. Musicoterapia – Periódicos. I. Associação de Musicoterapia do Paraná

CDD 615.837

CDD 615.85154 18. ed.

Associação de Musicoterapia do Paraná

Curitiba, Paraná, Brasil

www.amtpr.com.br

amt.parana@gmail.com

APRESENTAÇÃO

É com satisfação que apresentamos os Anais do XVIII Fórum Paranaense de Musicoterapia que teve por tema: Musicoterapia: Pesquisa e Prática na Contemporaneidade. O evento é promovido anualmente pela Associação de Musicoterapia do Paraná (AMT-PR) e a publicação deste periódico é fruto do trabalho colaborativo de muitos profissionais: autores, comissão editorial e equipe da AMT-PR.

Com o intuito de fortalecer a pesquisa em nosso estado convidamos os musicoterapeutas: Dra. Claudia Zanini (Goiânia – Brasil) e o Ms. Raúl Rigon (Bogotá – Colômbia) para apresentarem suas pesquisas atuais bem como os/as demais musicoterapeutas para integrarem esta publicação com seus trabalhos divulgados neste evento.

Mariana L. Arruda
Andressa Dias Arndt

Programação

Dia 17/06 - SÁBADO

8h às 9h – MESA DE ABERTURA

9h às 9h30h - Desafios da conceituação em Musicoterapia: uma visão social de música e saúde. Dra. Mt. Rosemyriam Cunha

9h30 às 10h - Momento musical com Fred Pedrosa (viola caipira), Mateus Azevedo (bateria) e Bruno Brandalise (tuba): Violas Brasileiras.

10h às 12h - Pesquisa em Musicoterapia com métodos mistos.
Dra. Mt. Claudia Zanini (UFG)

14h às 15h30 Comunicação oral (Conceitos e Instrumentos de avaliação)

1 - Instrumentos de Avaliação em Musicoterapia e o entendimento da experiência musical.

Ms. Mt. Clara Piazzetta

2- A Aplicação da Escala Individualized Music Therapy Assessment Profile (IMTAP) no trabalho da musicoterapia para reconhecimento da musicalidade.

Gustavo Costa e Ms. Mt. Clara Piazzetta

3- Conceitos de música que embasam a prática da musicoterapia na contemporaneidade.

Mt. Frederico Pedrosa e Luís Cândido

15h30 às 16h - Momento musical com o CORO DA FAP

16h às 17h30 Comunicação oral (A Universidade)

1- Voz e qualidade de vida de estudantes do Centro de Música e Musicoterapia (UNESPAR)/ Ms. Fga. Pierangela Simões e Dra. Denise França

2- Musicoterapia que se forma e transforma: O que se publica nos periódicos das Universidades que contam com o curso de Musicoterapia? Juliana Lopes

3- O Curso De Musicoterapia no Paraná: dos anos 70 até os anos 90.

Ms. Mt. Sheila Beggiato

17h30 às 18h30 Workshop: Elementos do RAP e do Funk brasileiros nas práticas de musicoterapia / Mt. Frederico Pedrosa

Dia 18/06 - DOMINGO

8h30 às 10h Comunicação oral (Áreas de atuação)

1- A Musicoterapia como mediadora do processo de reabilitação neurológica com crianças na primeira infância.

Mt. Fernanda Franzoni Zaguini

2- Musicoterapia e a interação social entre estudantes em uma escola inclusiva.

Mt. Lindsay Silva e Dra. Mt. Noemi Ansay

3- Instrumentos de sopro em musicoterapia: um relato de caso.

Ms. Mt. Camila Gonçalves

10h às 10h30 – Aplicación de tecnología EEG como instrumento musical no convencional en usuarios con discapacidad.

Raúl Rincón (Maestría en musicoterapia/ Universidad de San Buenaventura, Bogotá).

10h30 às 12h Comunicação oral (Vozes da musicoterapia)

1- Intervenção musicoterapêutica com pessoas idosas aposentadas do Estado do Paraná.

Mt. Mariana Arruda / Isabela Bonfante / Marcella Ventola / Thabata Moraes / Dra. Gislaine Vagetti

2- Os sentimentos que mulheres negras expressam em atividades musicoterapêuticas / Mt. Michele Mara e Dra. Mt. Rosemyriam Cunha

3- Wonderland, vozes de uma Turquia.

Ms. Mt. Sheila Beggiato e Ms. Mt. Andressa Dias Arndt

12h às 12h30 Assembleia AMT-PR

14h às 18h Minicurso: Envelhecimento e Musicoterapia.

Dra. Mt. Claudia Zanini (UFG)

DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS NA PESQUISA EM MUSICOTERAPIA

THE CHALLENGES OF THEORETICAL CONSTRUCTION ON MUSIC THERAPY

Rosemyriam Cunha¹

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a construção teórica e epistemológica na pesquisa musicoterapêutica brasileira. Situada nos campos das artes e da saúde, a musicoterapia dialoga com outros campos disciplinares. Essa natureza e trânsito interdisciplinar pode tanto ampliar como limitar a fundamentação teórica dos estudos da área. Com esse pensamento, a discussão se dirige para os desafios da construção de conceitos nas investigações. Para a reflexão, foram exemplificadas conceituações de música e saúde e articuladas as possibilidades do encontro dessas áreas com a prática musicoterapêutica. Na sequência, dialoga-se com as opiniões de Camargo Jr. a respeito da criação de ideias compartilhadas nas ciências naturais e nas sociais e humanas. Para finalizar, há um chamado às pesquisas musicoterapêuticas.

Palavras-chave: Musicoterapia. Saúde. Música. Conceitos teóricos.

ABSTRACT

This work presents a reflection on the epistemological and theoretical construction of Brazilian music therapy research. Situated in the fields of arts and health, the music therapy area also dialogs with other disciplines. This interdisciplinary nature and transit can extend or limit the theoretical foundation of the studies of this scientific area. With this in mind, the discussion moves to the challenges of research theoretical construction. For this reflection, first music and health concepts were exemplified, after that the possibilities of the encounter of both of these areas with music therapy practice were articulated. Following, there is a dialog with Camargo Jr.'s opinions on the creation of shared ideas on Natural Sciences and Social and Human Sciences. Finally, there is a call for music therapy researches.

Keywords: Music Therapy. Health. Music. Theoretical concepts.

¹ Professora do curso de Musicoterapia na UNESPAR Campus II Curitiba - Faculdade de Artes do Paraná. Doutora em Educação (UFPR, 2008) com pós-doutorado em Educação Musical na McGill University, Canadá (2011). Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4775078J6>.
Email: rose05@uol.com.br

A realização de investigações no campo musicoterapêutico apresenta desafios, na realidade brasileira, principalmente quando se trata da construção teórica nos relatos de estudos e pesquisas. Essa experiência instigante me leva a apresentar aqui argumentos para refletirmos sobre esse fato. Como a produção e publicação de trabalhos é pouco numerosa no nosso país, encontrar conceitos que agreguem cientificidade aos trabalhos é tarefa árdua. Muitas vezes a opção recai em definições repetidamente encontradas na literatura, mas que nem sempre coadunam com o contexto epistemológico adotado e nem colaboram para o desenvolvimento de uma fundamentação crítica de nossa prática.

INTRODUÇÃO

O caráter interdisciplinar das práticas de investigação da musicoterapia oferece espaço para o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento. Talvez por isso, tornou-se frequente encontrar, na literatura da área, um conjunto variado de conceitos e definições para um mesmo termo. Mesmo em temas fundantes como música e saúde, a diversidade de aportes conceituais é real.

As razões e possibilidades para a permanência dessa constante busca por definições, conceitos e fundamentos epistemológicos no seio de uma mesma área devem ser múltiplos. A começar pela reduzida literatura publicada na língua portuguesa, fato que oferece um enquadramento teórico de poucas proporções; ao amplo leque de opções epistemológicas cabíveis de dialogar com o campo, fato que aumenta as chances de diversificação de fundamentos. Assim, aproximações e recortes cautelosos são desafios que se apresentam aos autores na busca por permanecerem fiéis aos princípios da escrita científica.

Para instigar esta reflexão, fez-se aqui, como exercício, a construção de um pensamento sobre música e saúde sob a ótica das relações desses eventos com a vida diária das pessoas. Na sequência, buscou-se articular o encontro dessas práticas. Por fim, diferenças indicadas por Camargo Jr. (2013) nas práticas de

construção teórica nas ciências naturais e as sociais ateceram um chamado para as pesquisas no nosso campo.

MÚSICA, SAÚDE E MUSICOTERAPIA

A música faz parte da vida social e cultural da humanidade e como tal é um elemento presente em rotinas cotidianas e, em muitas sociedades, ela organiza os processos de viver das comunidades (SEEGGER, 2015). A criação de um espaço musical é possível por que as pessoas fazem música. A construção de espaços musicais voltados para a promoção e o desenvolvimento humano, conforme escreveu Seeger (2015) se associam mais à *produção musical* do que ao *produto musical (grifo nosso)*. O autor também observou que há ausência de evidências “genéticas para que cantemos”, porém, indivíduos de todas as sociedades criam sons altamente estruturados (p.17).

No entanto, o impacto do som pode resultar tanto em efeitos benéficos como em resultados prejudiciais à saúde. Vamos pensar primeiro no som como um fator que interfere e pode prejudicar o estado físico e mental das pessoas. Em 2011, a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou um dossiê de alerta sobre o efeito do som (ruído) sobre a saúde da população europeia. Nesse estudo, os pesquisadores concluíram que o barulho excessivo causa sérios prejuízos à saúde com consequências que vão desde a interferência nas atividades diárias até a redução na qualidade da *performance* das atividades escolares e laborais. Também foram citados trabalhos que comprovaram prejuízos na qualidade do sono, danos cardiovasculares, perturbações psicológicas como a mudança de humor (aborrecimento, agressividade, desconforto), e alterações no comportamento social. Segundo o relatório, um em cada cinco europeus estão expostos à uma carga sonora nociva. Essas evidências levaram a OMS a identificar grupos vulneráveis (na Europa) e buscar formas para protegê-los.

Outro documento, agora do Ministério da Saúde brasileiro (2006), trata da perda auditiva causada pela exposição excessiva ao ruído. Voltado para a saúde do trabalhador, o estudo indicou interferências do som sobre a saúde das pessoas

em conteúdo semelhante ao tratado pelo estudo europeu. Houve, no entanto, destaque para prejuízos irreversíveis nos bebês de gestantes expostas a níveis elevados de ruídos e também danos às próprias gestantes que apresentaram hipertensão e parto prematuro.

O trabalho brasileiro destacou ainda sequelas como a perda auditiva irreversível (PAIR), que acarreta em alterações do comportamento social e psicológico do trabalhador. Entre estas, a dificuldade de compreender a fala de interlocutores, intolerância e irritabilidade, cefaleia, tontura e problemas digestivos.

Interessante destacar que este mesmo documento englobou o som e o ruído como elementos semelhantes, ou seja, ambos são descritos como efeitos de uma perturbação vibratória audível. A música figura no conjunto desses fenômenos sonoros capazes de prejudicar a saúde humana. O dossiê europeu cita as atividades de lazer, entre elas a fruição musical, como um evento que causa danos quando o volume passa dos decibéis recomendados. De acordo com o Ministério da Saúde (2006), quando acima de 50 decibéis (dB) o som já provoca impactos no organismo. Oito horas diárias é o limite recomendado para a exposição a sons de 85 dB.

Se o som pode ser insalubre, quando e como a música pode beneficiar a saúde? O que entendemos por música? Para encontrarmos um conceito de música mais aberto, articulamos as definições de autores renomados do campo da antropologia musical, da sociomusicologia, e da educação musical como Christopher Small (1998), Anthony Seeger (2015), Peter Martin (1995) e Nicholas Cook (2010). A noção de que a música é um processo, uma convenção social, uma ação, uma atividade humana foi comum a esses autores. Martin ainda agregou qualidades como produto e mercadoria ao pensar em música e mercado de trabalho.

Com base nessas visões, pensa-se mais em *músicas* do que em um conceito singular capaz de abraçar todas as manifestações sonoras humanas nas suas diferenças culturais e sociais. A música é, antes de tudo, uma ação humana. Música se faz. “A música não existe, ela é o que fazemos e o que dela fazemos. As pessoas pensam por meio da música, decidem quem são por meio dela e se

expressam por meio dela” afirmou Cook (2005, p. VII) na introdução do seu livro. Já Martin (1995) discutiu a música como uma estrutura resultante da construção social de significados, como uma ação social, como um negócio, uma mercadoria. Seeguer (2015) considerou a música como uma estruturação, uma construção social feita de sons que passa a ser considerada como música pelos membros da comunidade. A teoria do professor Small (1996) destacou que são tantos os modos de organizar os sons, em tão diversos ambientes e objetivos, “e a tudo se dá o nome de música. Música não é uma coisa, mas uma atividade, algo que as pessoas fazem. O que chamamos por música é a abstração de uma ação” (SMALL, 1998, p.2).

Para acrescentar mais uma perspectiva às dos autores citados, gostaríamos de acrescentar a visão da música como um elemento da vida cotidiana das pessoas. Por ser um elemento presente ao dia a dia, a música tornou-se às vezes uma imposição, outras uma opção, um gosto, um tributo político, um estilo de vida. O professor Edward Said (2007) se refere ao lugar de transgressão que a música ocupa atualmente ao “passar de um lugar ao outro na sociedade” (p.28), numa diversidade de práticas e propósitos que fazem parte da vida cultural da sociedade ocidental moderna. “O elemento transgressivo da música é a sua habilidade nômade para acoplar-se e passar a fazer parte de formações sociais, para variar suas articulações e retórica segundo a ocasião...” (p. 102). De fato, a música excedeu as salas de concerto para ambientes como as escolas, hospitais, projetos sociais, comunidades, entre outros ambientes antes considerados inusitados para a prática musical.

Ao perceber a música dessa forma abrangente, vamos agora buscar o sentido de saúde no contexto desta reflexão. Aproximamos as opiniões críticas de Mike Oliver (1990, 2013), Minayo (2006) e Parker (2013) sobre o papel da sociedade na concepção de saúde. Oliver se referiu aos Estudos da Deficiência. Para o autor a sociedade isola, exclui as pessoas com limitações e assim as incapacita da participação na sociedade. Para ele, a visão homogeneizante do que seja uma pessoa saudável anula a diversidade das formas de ser e estar no

mundo, de um bem estar diferenciado, que escapa às definições clássicas e tradicionais.

Na perspectiva de Minayo (2006), a violência tem sobrecarregado os serviços de saúde e causado consequências profundas na sociedade como o medo, a insegurança, a morte e a invalidez. Já Parker (2013) arrematou essas ideias ao indicar que a saúde é um estado amplo e complexo que engloba elementos como o atendimento médico, o acesso à água potável, saneamento básico, ambiente seguro, acesso à informação, à educação. A saúde está relacionada a iniciativas que operam contra a exclusão, o estigma, a discriminação e o isolamento social (PARKER, 2013). Ela exige o acolhimento das pessoas na diversidade que as torna únicas, na comunidade que as torna parte da coletividade, na aceitação de condições e formas de viver que fogem de um padrão estereotipado e socialmente naturalizado do que seja uma vida com saúde.

Relativizados os conceitos de saúde e música, pode-se questionar se há possibilidade de um encontro entre esses eventos a ponto de que um exerça influência sobre o outro. Pode a música colaborar para o bem estar humano? Pode a saúde incorporar a prática musical como um fator relevante? Quando isso acontece? Observando os argumentos dos autores citados, a resposta a essas perguntas considera que quando a atividade, a prática musical se volta para os direitos humanos, para a humanização de práticas de saúde, para a educação, para a valorização da cultura, para o fortalecimento de laços de convívio das comunidades, o encontro, a articulação acontece. Esses objetivos se concretizam quando o som e a música entram no ambiente pela porta da atividade, da ação humana. Aqui a música se faz com objetivos direcionados para o desenvolvimento humano. E, dessa forma, a música se torna o forte mediador das finalidades da musicoterapia.

Como pudemos ver, variadas vertentes de pensar se integraram para a formulação de conceitos amplos sobre música e saúde. A forma de tratá-los aqui se distanciou das definições mais fechadas encontradas nas tradições biomédicas e estéticas. A argumentação aqui se voltou para as interações desses objetos

sobre as relações da vida cotidiana das pessoas. Essas relações são complexas (não lineares) e variam conforme o entorno sociocultural e histórico de grupos e comunidades. Dimensões de marcadores de valoração social (capacidade, incapacidade), e de eventos psicoafetivos (discriminação, preconceito, estigma), estiveram em jogo nesta formação.

Um processo de construção teórica tão flexível se justifica pelo fato de que determinadas visões epistemológicas exigem uma abordagem enquanto que outro cenário pode demandar por outra. Talvez novos elementos sejam agregados e alguns retirados sem que os recursos teórica percam validade e confiabilidade. Essa dinâmica acontece, conforme explicou Camargo Jr. (2013) em razão da diversidade de fundamentações com as quais dialoga nosso campo.

Esse mesmo autor explicou, com base na publicação de Kuhn (1996), que as ciências paradigmáticas, (ou da natureza), possuem pressupostos teóricos compartilhados, cuja aceitação tácita encurta ou dispensa discussões. Essa lógica talvez nunca se aplique às ciências sociais e humanas, continuou o autor, pois nesses campos do saber, “ao contrário, há necessidade constante de explicitação da filiação teórica adotada em determinada pesquisa” (CAMARGO Jr., 2013, p.136). Ele concluiu que bases conceituais iluminam as interpretações que levam à metodologias e resultados de estudos. São elas que oferecem fundamentos para as interpretações da realidade. Como as ciências sociais e humanas se voltam para as interpretações e não para as explicações causais de fenômenos, não há uma interpretação final, mas sim uma diversidade de formas de “captar e traduzir de determinado modo como sujeitos entendem” as experiências que vivenciam (CAMARGO JR., 2013, p.137).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da musicoterapia e suas ressonâncias sobre a saúde humana ocorrem em um espaço musical resultante da ação do participante, do musicoterapeuta e de sonoridades. Aplicamos procedimentos específicos, baseados em técnicas que utilizam o som, a estrutura musical e seus parâmetros.

A interação se volta para reabilitar, estimular, fortalecer e ampliar a capacidade das pessoas de agir e existir no meio que em que vivem (RUUD, 1998). Nessa integração a ação sonora tem a finalidade de informar sobre o meio circundante; de oferecer conhecimento, de descobrir capacidades pessoais; de levar à articulação de palavras, ao cantar uma melodia querida. A leitura que fazemos dessas experiências se baseiam no vivido. Construimos interpretações com base nos sinais que resultam das relações participante, música, musicoterapeuta.

Outro fato desafiante é a narrativa das experiências, dos resultados e das nossas interpretações. Muitas das interações cheias de vida e afeto ficam esvaziadas quando postas em palavras ou números. Outras vezes as técnicas utilizadas são empobrecidas pela lógica da construção verbal, e detalhes (às vezes mínimos, mas de suma importância), percebidos nos encontros, são quase que indizíveis e pouco palpáveis para dados de pesquisa. Na verdade, cada processo é único, cada encontro difere do anterior.

No entanto, nossa demanda por pesquisas é iminente. Nos deparamos com uma necessidade científica que urge pela socialização de nossas práticas teóricas e de intervenção. Acredito no caminho do debate e de estudos aprofundados sobre termos, conceitos, premissas e pressupostos básicos para o amadurecimento do nosso pensamento, da construção de caminhos metodológicos e de análise de dados. Essas ações só poderão refletir positivamente na qualidade dos textos que escrevemos e ampliar as ressonâncias da musicoterapia nas áreas dos saberes científicos.

REFERÊNCIAS

CAMARGO Jr., Kenneth Rochel de. Epidemiologia e ciências sociais e humanas: discutindo a relação. In: In: MONTEIRO, S., VILLELA, Wilza (Org.). **Estigma e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013, p. 135-142.

COOK, Nicholas. **Music: a brief insight**. New York: Sterling. 2010.

MARTIN, Peter. **Sounds and society**. Manchester, UK: Manchester University Press, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Perda auditiva induzida por ruído (PAIR)**. Brasília: Editora MS, 2006.

OLIVER, Mike. **The individual and social models of disability**. Trabalho apresentado no Joint workshop of the living options group and research Unit of the Royal College of Physicians, 1990. Disponível em: <http://disability-studies.leeds.ac.uk/files/library/Oliver-in-soc-dis.pdf>. Acesso em: 12/04/ 2016.

OLIVER, Mike. The social model of disability: thirty years on. *Disability & Society*, vol. 28, p. 2013-2016, 2013. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09687599.2013.818773>. Acesso em: 02/05/2017.

OMS. **Burden of disease from environmental noise**. Quantification of healthy years lost in Europe. World Health Organization, 2011.

PARKER, Richard. Interseções entre estigma, preconceito e discriminação na saúde pública mundial. In: MONTEIRO, S., VILLELA, Wilza (Org.). **Estigma e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013, p.25-46.

KUHN, Thomas Samuel. **The structure of scientific revolutions**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

RUUD, Even. **Music Therapy**: improvisation, communication, and culture. Gilsum: Barcelona Publishers, 1998.

SAID, Edward. **Elaboraciones musicales**. Bogota: Random House Mondadori, 2007.

SEEGUER, Anthony. **Por que que cantam os Kisêdjê?** Uma antropologia musical de um povo amazônico. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SMALL, Christopher. 1998. **Musicking**. The meanings of *performance and listening*. Middletown: Wesleyan University Press.

PESQUISA EM MUSICOTERAPIA COM MÉTODOS MISTOS

Claudia Regina de Oliveira Zanini (UFG)²

RESUMO: As origens da Musicoterapia levaram a área a construir um campo vasto para práticas, teorias e investigações científicas. Para avançarmos como área de conhecimento, este tripé (prática-pesquisa-teoria) se inter-relaciona em um *continuum*, como um espiral. O contato com a *práxis* nos traz indagações, que levantam problemáticas e questões norteadoras. Assim, passamos a refletir sobre: Como desenvolver um projeto? Quais os principais pontos a responder na construção de um? Quais os percursos, os desenhos metodológicos que podemos utilizar? Existe um só caminho para um determinado tema? Como fazer encaminhamentos para Comissões de Pesquisa ou Comitês de Ética? O objetivo dessa conferência é refletir sobre os elementos que constituem o pensar sobre a pesquisa em Musicoterapia e apresentar classificações que tem sido utilizadas, com maior foco na utilização de métodos mistos (*mixed design*). Acreditamos que a complementariedade dos dados é o principal ponto que nos inspira a desenvolver esse tipo de metodologia, que pode se tornar um desafio para o pesquisador em virtude da complexidade e quantidade de resultados a analisar. Buscando elucidar o tema, serão apresentados exemplos de pesquisas desenvolvidas, incluindo trabalhos orientados, concluídos ou em andamento, no âmbito da docência no Curso de Musicoterapia e no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Goiás.

² Doutora em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (UFG); Mestre em Música, Especialista em Musicoterapia em Educação Especial e em Saúde Mental; e, Graduada em Piano pela Escola de Música e Artes Cênicas - EMAC/UFG; Bacharel em Administração de Empresas/Pontifícia Universidade de Goiás. Pesquisadora e Professora do Curso de Musicoterapia e do PPG-Música da EMAC/UFG, dos quais foi coordenadora. Presidente do Depto de Gerontologia da SBGG-GO (Seção Goiás da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia). Presidente da Comissão de Pesquisa e Ética da *World Federation of Music Therapy* (WFMT). Coordenadora do NEPEV-UFG (Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Envelhecimento). Membro do Conselho Científico da AGMT – Associação Goiana de Musicoterapia. Email: mtclaudiazanini@gmail.com Link para currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8042694592747539>

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO EM MUSICOTERAPIA E O ENTENDIMENTO DA EXPERIÊNCIA MUSICAL

Clara Márcia de Freitas Piazzetta³

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de instrumentos de avaliação específicos para a Musicoterapia remonta no final da década de 1970 com o trabalho da Musicoterapia Criativa. Desde então, os instrumentos construídos trazem característica embutidas a partir do entendimento sobre musicoterapia dos autores, além do entendimento do que seja Música em Musicoterapia.

Assim, segundo Salokivi (2012), são encontrados instrumentos de avaliação que buscam identificar, mensurar e descrever sobre: elementos comunicacionais inerentes ao fazer musical compartilhado, aspectos emocionais através da música, aspectos de interação social, avaliação em musicoterapia, perfil sonoro/musical, cognição, percepção e habilidade motora e visual, diagnóstico e perfil de avaliação individual em musicoterapia com dez domínios para uso em atendimentos com crianças e adolescentes.

Avanços tecnológicos permitiram ganhos significativos nas pesquisas sobre música e cérebro com exames como Ressonância Magnética e Tomografia Computadorizada por Emissão de Pósitrons (PET). Com eles foi possível a visualização e registro de atividades cerebrais durante a escuta e produção musicais. É o cérebro sendo revelado quando em contato com a música e a função multi modal dessa experiência (CORREA, 1998).

A pesquisa empírica baseada na prática clínica em Musicoterapia pode se beneficiar destes instrumentos de avaliação seja por tabelas desenvolvidas para a musicoterapia ou aparelhos para exames de neuroimagens. Deve-se levar em conta certamente o alcance de cada uma destas ferramentas e o quanto os

³ Musicoterapeuta, docente do Curso de Bacharelado em Musicoterapia da Unespar Campus de Curitiba II – FAP. Mestre em Música, Linha de pesquisa Música, Saúde com ênfase em cognição musical, estudos neurocientíficos e instrumentos de avaliação em musicoterapia. Email: clara.piazzetta@unespar.edu.br

resultados juntos permitem, pela complementaridade, uma visibilidade do trabalho da musicoterapia

DESENVOLVIMENTO

O entendimento sobre o que seja a musicoterapia como uma forma de ação da música sobre as pessoas para que alcance de objetivos terapêuticos necessita da interseção entre a prática clínica e investigações. Desde essa premissa os musicoterapeutas e pesquisadores têm construído ferramentas próprias de avaliação.

No quadro abaixo são apresentados algumas ferramentas construídas:

Nordoff& Robbins	1977	<i>Response, relationship and musical communicativeness</i>
Bruscia	1987	<i>Improvised music</i>
Wells	1988	<i>Emotionally disturbed adolescents (song choice, composition and improvisation)</i>
Goodman	1989	<i>Music Therapy Assessment for Emotionally Disturbed Children</i>
Rajimaekers	1993	<i>Diagnosis</i>
Grant	1995	<i>Cognitive, perceptual, motor and visual skills</i>
Pavlicevic	1995	<i>Musical interaction</i>
Sikstrom&Skille	1995	<i>Psychological function</i>
Di Franco	1999	<i>Sound-musical profiles</i>
Lowey	2000	<i>Music Psychotherapy Assessment</i>
Layman, Hussey, Laing	2002	<i>Music Therapy Assessment for Severally Emotionally Disturbed Children</i>
Baxter, Berghofer, Nelson, Peters, Roberts, MacEwan	2007	<i>The Individualized Music Therapy Assessment Profile [IMTAP] (for paediatric and adolescent settings)</i>

Tabela 1: Instrumentos de avaliação em Musicoterapia retirado do trabalho de Salokivi, 2012.

Acrescentamos aos dados de Salokivi (2012) as tabelas: Evaluacion de las relaciones intramusicales - ERI (FERRARI, 2003) para o uso com crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA e a Perfil de avaliação individual Musico Centrado para desordens do neurodesenvolvimento - IMCAM – ND (2013).

Para uso no Brasil, precisam ser traduzidos e validados para a língua portuguesa. O que tem sido objeto de pesquisa em programas de mestrado e doutorado (GATTINO, 2012; SILVA 2012).

Estes instrumentos foram construídos para ser instrumentos na rotina de trabalho da musicoterapia. Seja no início, para a construção da identificação do perfil musical da pessoa a ser atendida, seja para identificação de evidências da efetividade do trabalho realizado, seja para a avaliação do processo em andamento.

Os instrumentos de avaliação construídos por musicoterapeutas, após treinamento específico, têm se mostrado como ferramentas válidas para a coleta de dados de pesquisas com base na prática clínica (COVRE, 2015).

Se aplicados, no âmbito da pesquisa, em parceria com as ferramentas de neuroimagens pode-se obter, do cruzamento dos dados, um entendimento mais completo sobre o alcance do trabalho musicoterapêutico ao preservar a relação intermusical entre musicoterapeuta e paciente e assim o sentido e significado da experiência musical como resignificadora da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os instrumentos de avaliação construídos por musicoterapeutas colaboram diretamente com o conhecimento sobre o trabalho realizado uma vez que, tem como contexto para a coleta dos dados, as experiências musicais construídas entre musicoterapeuta e paciente.

Desta forma são interessantes para o entendimento das resignificações construídas no processo musicoterapêutico e os elementos musicais que foram terapêuticos no processo.

REFERENCIAS

CORREIA, C. et al. Lateralização das funções musicais na epilepsia parcial. *Arq. Neuropsiquiatria*. 56(4): 747-755. 1998

COVRE, J. F. **Contribuições da musicoterapia para a comunicação de crianças com alterações da linguagem**. DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA (EMAC) UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. GOIÂNIA: 2015.

GATTINO, G. S. **Musicoterapia aplicada à avaliação da comunicação não verbal de crianças com transtornos do espectro autista: Revisão Sistemática e estudo de validação**. TESE DE DOUTORADO APRESENTADA AO PROGRAMA DE SAÚDE DA CRIANÇA E ADOLESCENTE, UFRGS. (2012)

SALOKIVI, M.. **The Individualized Music Therapy Assessment Profile as an initial assessment tool of socialemotional functioning**. Department of Music Faculty of Humanities University of Jyväskylä Finland, 2012 – Disponível em: <<https://jyx.jyu.fi/dspace/bitstream/handle/123456789/40439/URN:NBN:fi:ju-201211273079.pdf?sequence=1>> Acesso em 24 de abril de 2017.

SILVA, A. M. **Tradução Para o Português Brasileiro e Validação da Escala IndividualizedMusicTherapyAssessmentProfile (IMTAP) para uso no Brasil**. DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO DA CRIANÇA E ADOLESCENTE DA UFRGS, Porto Alegre: 2012.

A APLICAÇÃO DA ESCALA *INDIVIDUALIZED MUSIC THERAPY ASSESSMENT PROFILE* (IMTAP) NO TRABALHO DA MUSICOTERAPIA PARA RECONHECIMENTO DA MUSICALIDADE

Gustavo Henrique Costa e Clara Marcia Piazzetta

INTRODUÇÃO

O reconhecimento da musicalidade natural do participante é parte essencial nos primeiros passos do trabalho realizado em Musicoterapia. Como profissão inserida nas áreas da Saúde, Educação e Social tem como ferramenta fundamental a música, seus elementos aplicados por um musicoterapeuta de modo a construir uma experiência musical única para cada pessoa. Essa experiência de cada pessoa com a música é possível devido à musicalidade inata do ser humano (BRUSCIA, 2000).

Deste modo, nas etapas iniciais do processo de reconhecimento da musicalidade, nos dias atuais, podem ser realizados testes para avaliação de capacidades musicais, bem como o preenchimento de protocolos que norteiam a análise e o estudo do processo musicoterapêutico, a escala *Individualized Music Therapy Assessment Profile* (IMTAP) sem finalidade diagnóstica (SILVA et al 2013).

A *Individualized Music Therapy Assessment Profile* (IMTAP) tem como objetivo avaliar dez diferentes grupos de comportamentos. Com isso é possível se chegar a um perfil detalhado e sistemático do indivíduo, por meio de “atividades musicais conduzidas por musicoterapeutas habilitados ou estudantes de musicoterapia” (BAXTER et al., 2007, apud SILVA 2013). Nos objetivos desta escala não estão indicados: construção de diagnósticos e comparações entre pacientes. O ponto culminante da avaliação IMTAP é “a possibilidade de acompanhamento e evolução de cada paciente a partir de suas próprias pontuações e o detalhamento do perfil individual resultante da avaliação -

indicando áreas com maior potencial e áreas com maiores dificuldades” (SILVA, et al. 2013).

A avaliação IMTAP é composta por dez domínios independentes: musicalidade, comunicação expressiva, comunicação receptiva/percepção auditiva, interação social, motricidade ampla, motricidade fina, motricidade oral, cognição, habilidade emocional e habilidade sensorial.

Um aspecto interessante na utilização desta Escala é que para sua aplicação não se faz necessário uma técnica ou abordagem específica da musicoterapia, o musicoterapeuta define a abordagem a ser usada no trabalho.

OBJETIVO GERAL

Realizar a aplicação da Escala *Individualized Music Therapy Assessment Profile* (IMTAP) no domínio de musicalidade.

Objetivos específicos

Realizar um estudo bibliográfico da utilização e aplicabilidade da IMTAP na Musicoterapia no Brasil. A fim de identificar, apresentar e compreender a metodologia das aplicações da ferramenta *The Individualized Music Therapy Assessment Profile – IMTAP* (Baxter et al 2007) traduzida e validada para uso na língua portuguesa por Silva et al (2012).

METODOLOGIA

Pesquisa empírica com aplicação da Escala da Musicalidade – *Individualized Music Therapy Assessment Profile* (IMTAP) no item musicalidade. No máximo cinco (5) participantes do CAEMT no início e no fim do segundo semestre e 2016 e início e fim do primeiro semestre de 2017.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A aplicação da IMTAP demandou de esclarecimentos sobre a aplicação da Escala IMTAP e sua atuação. Manter contato com os estagiários e supervisores musicoterapeutas do Centro de Atendimento e Estudos em Musicoterapia. Fazer no mínimo uma análise junto ao estagiário do atendimento selecionado. Três atendimentos por participante foram usados para realizar a análise. Compôr um

descritivo inicial das potencialidades e dificuldades de cada participante da pesquisa no quesito musicalidade e Compor um descritivo comparativo antes e depois de cada um dos participantes da pesquisa.

Mantivemos reuniões com os estagiários e supervisores musicoterapeutas do Centro de Atendimento e Estudos em Musicoterapia. Onde foram analisados vídeos de atendimentos em parceria com os estagiários que realizaram o atendimento. De forma individual a cada participante analisado.

A avaliação da musicalidade pela Escala IMTAP se trata de uma ferramenta para o conhecimento do participante e esse conhecimento nortear as intervenções no processo musicoterapêutico.

A implementação da Escala IMTAP, como instrumento de avaliação nas etapas iniciais de atendimentos de musicoterapia, no Centro de Atendimento e Estudos em Musicoterapia demonstraram uma ampliação da forma de avaliar os processos do caminhar musicoterapêutico.

CONCLUSÃO

Esse instrumento mostra-se abrangente de modo a apresentar um amplo espectro das condições em que se encontra o participante a partir da experiência musical compartilhada com o musicoterapeuta. Sua tradução e validação para o português permitiram aos musicoterapeutas brasileiros o acesso a essa ferramenta.

REFERÊNCIAS

BRUSCIA, Kenneth. **Definindo Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

SILVA, Alexandre Mauat da; MARIATH, Luiza Monteavaro; GATTINO, Gustavo Schultz; RIESGO, Rudimar dos Santos; ARAUJO, Gustavo Andrade de; SCHULER-FACCINI, Lavinia. **Tradução para o português brasileiro e validação da escala *Individualized Music Therapy Assessment Profile (IMTAP)* para uso no Brasil**. In REVISTA BRASILEIRA DE MSUICOTERAPIA, Ano XV nº 14 ANO 2013. p. 67 – 80;

CONCEITOS DE MÚSICA QUE EMBASAM A PRÁTICA DA MUSICOTERAPIA NA CONTEMPORANEIDADE

Frederico Gonçalves Pedrosa⁴

Luís Eduardo Cândido⁵

RESUMO

Este texto busca entender quais os conceitos sobre música são expressos pelos escritores na área de musicoterapia. A partir da análise das publicações da Revista Incantare, que possuem as temáticas de musicoterapia, investigou-se qual conceito de música tem sido utilizado pelos musicoterapeutas. Fez-se uma Análise conteúdo (BARDIN, 1977) tendo como parâmetro as categorias sugeridas por Even Ruud (1990). Encontrou-se que 38% destes textos veem a música como estímulo discriminativo, 34,5% como meio de comunicação, 48% como linguagem não verbal e 27,5% como experiência, aprendizado e contexto. Indica-se a confluência de conceitos filiados às diferentes ideologias nos textos da musicoterapia, bem como a necessidade de se atualizar os textos básicos desta área para que abarque estéticas baseadas em ideologias mais contemporâneas.

Palavras-chave: Musicoterapia, Música, Conceito de Música.

INTRODUÇÃO

Como o próprio nome da área de conhecimento da musicoterapia indica, a música é algo de importância estruturante para sua atividade. Segundo a Barsa, música é a “arte de coordenar fenômenos acústicos para produzir efeitos estéticos” (1994, p. 219). No entanto, essa conceituação exclui o contexto onde a música e, principalmente, os sujeitos que a produzem.

Elliot e Silverman (2015) dizem que existem duas formas de se conceituar a música, uma destas formas pode ser chamada de “conceitos de trabalho” pois abordam apenas os elementos do som (altura, intensidade, duração e timbre)

⁴ Docente do curso de Bacharelado em Musicoterapia, Mestrando em Música pela UFPR, Bacharel em Musicoterapia pela UNESPAR – FAP. frederico.musicoterapia@gmail.com

⁵ Psicólogo clínico, Especializando em Psicodrama (associação Paranaense de Psicodrama), Graduando do curso de Bacharelado em Musicoterapia da UNESPAR – FAP. ducandido@hotmail.com.

abarcando também os elementos da música (melodia ritmo e harmonia). Segundo tais autores, ao reduzir a música aos seus elementos físicos e apenas ao “trabalho” musical (p.e. a notação musical), se reduz também os valores éticos e sociais dos processos e produtos musicais.

Neste sentido, outros autores propõem a ideia de que, para além dos elementos musicais, música signifique uma práxis social e para isso propõe o uso de três termos: MÚSICAS, no plural, que significa tudo que entendido como música por todas as culturas do mundo; músicas, um tipo de práxis específica – que leve em conta os sujeitos, os processos, os produtos e os contextos nos quais são feitas – e; música, para a ideia ordinária do que é o fazer musical (ELLIOT & SILVERMAN, 2015).

Even Ruud (1990) nos diz que o campo da musicoterapia moderna (pós-segunda guerra mundial), no entanto, se preocupa mais em conceituar o que é terapia do que música. Isto implica em dizer que os musicoterapeutas estão mais ocupados em “atribuir argumentos razoáveis às aplicações terapêuticas da música do que em especular sobre a natureza e o papel da mesma” (*ibidem*, p.85). O trabalho musicoterapêutico acontece através da música (PIAZZETTA, 2010), por tanto se faz necessário o investimento no desenvolvimento do conceito e do entendimento do que vem a ser a música na musicoterapia.

A música, dentro da musicoterapia, pode ser conceituada e analisada a partir de pontos de vista singulares. Para tal feito os teóricos da musicoterapia a aproximam de outras ciências. Na cultura grega o temo musikè dava-se de modo complexo e integrado a outras áreas de conhecimento como medicina, psicologia, ética, religião, filosofia e vida social (PIAZZETTA, 2010). Argumenta-se, a partir do exposto até aqui que o conceito de música em musicoterapia dependerá, entre outros fatores, do ponto de vista teórico do musicoterapeuta e de quais áreas de conhecimento se aproxima a sua prática.

Partindo de análises estéticas e socioculturais, Ruud (1990) afirma que é possível diferenciar quatro escolas dentro da musicoterapia a partir dos seus conceitos de músicas. A primeira delas, Ruud (1990) chama de Positivista e diz que o que a singulariza é o fato de entender música como um “estímulo

discriminativo” (p.88). Isto quer dizer que alguns musicoterapeutas conceituam música como uma junção de elementos sonoros (altura, intensidade, duração e timbre). Kairalla & Smith (2013), por exemplo, dizem que na composição.

“(...) a energia sonora se organiza também dentro de certos critérios e fenômenos, tais como linha melódica, harmonia (baseada em consonâncias e dissonâncias dos sons) e ritmo”. Estes aspectos também podem ser discutidos em termos do comportamento biológico (humano e animal) (p. 31).

A segunda estética da música presente nos trabalhos de musicoterapia é aquela que se refere à psicologia da terceira força. Nestes trabalhos “a música contém ou representa emoções que são comunicadas ao ouvinte. Conceito que encontrou forte apoio na cultura e provou a eficiência na musicoterapia humanista” (RUUD, 1990, p.89). Sakuragi & Cunha (2015), por exemplo, nos dizem que, no contato com crianças autistas, o uso da música pelo musicoterapeuta, pode “facilitar o estabelecimento da comunicação com essas crianças por meio das experiências musicais e do uso dos instrumentos musicais” (p. 99).

Em outros trabalhos é possível perceber a terceira estética onde se salienta que a música é uma linguagem não verbal emocional e que tem a capacidade de alcançar áreas da psique que processam informações, mas que não nos comunicamos a nós mesmos. Prado (2013) exemplifica o exposto citando Benezon. Afirma que a musicoterapia estuda o complexo som - ser humano no intuito de que se abram canais de comunicação (p.77)

Por fim, Even Ruud (1990), salienta sua própria visão da música – para ele o valor fundamental da música está na cultura. Argumenta que a natureza polissêmica da música ajuda a construir nosso lugar na comunidade social, cultural e universal, e, por tanto, também pessoal. Tal natureza faz da música não uma ferramenta, mas um meio para a compreensão de si e do outro em uma relação recursiva e consensual entre musicoterapeuta e cliente (PIAZZETTA, 2010). A esta forma de ver a música Even Ruud chama de “experiência, aprendizado e contexto” e no artigo de Passos e Wawzyniak (2015) esta última

perspectiva pode ser vista em articulação com a Musicoterapia Social. Neste trabalho os autores estudam a brincadeira de roda chamada de Tambor de Criola e seus elementos musicais para construir novos conhecimentos em musicoterapia.

A música em musicoterapia não pode desconsiderar a presença do homem e todos os aspectos que o envolvem. Segundo Piazzetta (2010) a música e o ser humano no fazer musical, são partes que se entrelaçam caminhos que se cruzam e constroem pontos de intersecção.

METODOLOGIA

Neste trabalho, utilizaremos as categorias de Ruud (1990), anteriormente expostas, para analisar todas as publicações da Revista InCantare a partir da metodologia chamada Análise de Conteúdo em busca de se entender quais os conceitos de música são operacionalizados no trabalho dos musicoterapeutas brasileiros.

Cunhada por Laurence Bardin (1977), a Análise de Conteúdo é descrita pela referida autora como um conjunto de técnicas que se aplicam a discursos diversos. Ela visa obter, por meio de procedimentos sistemáticos, indicadores quantitativos ou qualitativos que permitam a inferência de conhecimentos relativos à produção/recepção de mensagens.

Para Bardin (1977), o método é dividido em três fases. A primeira etapa se chama pré-análise, quando são definidos os documentos e protocolos a serem analisados, as hipóteses e os objetivos delineados e os indicadores de critério de análise que serão utilizados. O segundo momento, chamado de codificação, reporta-se à transformação do dado bruto em estrutura traduzida de manifestação do dado. A última etapa é quando se trata os dados de forma que eles ganhem relevância estatística, simples ou complexa. Isto permite que se produza quadros de resultados, diagramas ou figuras que coloquem as informações geradas pela análise em relevo.

A escolha da referida revista se deu pelo fato de ser uma publicação semestral reconhecida no campo acadêmico da musicoterapia e por possuir textos de estudantes, profissionais e professores de várias instituições nacionais e internacionais desta graduação. Dos 64 textos disponíveis no sítio virtual da revista, foram selecionados 29. Estes dizem respeito às publicações escritas por musicoterapeutas, que versam sobre musicoterapia e que não são revisões bibliográficas (já que ao revisar a literatura, é usual que o autor não demonstre a sua ideologia).

DISCUSSÃO

Dos textos selecionados e analisados podemos perceber que 38% deles veem a música como estímulo discriminativo, 34,5% como meio de comunicação, 48% como linguagem não verbal e 27,5% como experiência, aprendizado e contexto. Além disto, foram expostos outros termos (que operacionalizam outros sistemas ideológicos e, por isso, outras estéticas) que não estão descritos por Ruud (1990), como: espaço-tempo (7%), visão quântica (3,5%) e transdisciplinaridade (3,5%).

Estes dados estão tabulados no quadro que segue.

Conceito Textos	Música como estímulo discriminativo	Música como meio de comunicação	Música como linguagem não verbal	Música como experiência, aprendizagem e contexto.
1		x	x	
2		x	x	x
3		x		
4				x
5		x		
6	x			

7		x	x	x
8		x		
9		x		
10	x			
11	x			
12				x
13				
14				
15		x	x	
16	x		x	
17	x		x	
18		x		x
19			x	
20	x		x	x
21	x		x	
22		x		
23				
24	x		x	
25	x		x	
26			x	
27	x		x	x
28	x		x	
29				x

Tabela 1: tabulação dos conceitos.

É notável que muitos textos usem referenciais de descrição da música de matrizes ideológicas diferentes. Pode-se perceber, por exemplo, a conjunção de estéticas positivistas com humanistas. É possível que isto se dê pelo fato de que o principal teórico estudado nas universidades brasileiras é Bruscia (2000) com seu livro epistemológico *Definindo Musicoterapia*. Como o referido autor é filiado ao humanismo, sua definição de música se encaixa ao que Ruud (1990) entende como “música como meio de comunicação”. Desta forma, autores que utilizam de termos como “frequências” ou “intensidades” sonoras também utilizam da definição de Bruscia (2000, p.111) para se referenciar, mesclando campos conceituais diferentes. Raramente, no entanto, isto acontece com aqueles textos que utilizam da música como experiência, aprendizagem e contexto (menor dos contingentes). Isto é possível, porque os autores afiliados a esta percepção se preocupam em delimitar e sistematizar o seu campo de trabalho no intuito se entender em oposição às demais áreas da musicoterapia.

Um fato que não foi foco deste estudo, mas que nos chama atenção é que raramente os aspectos formais das músicas são indicados através de dados formais (como partituras) e mesmo informais (como descrições subjetivas da música, por exemplo, “a música era doce”). Se levarmos em consideração os escritos de Elliot e Silverman (2015), ao falarmos sobre MÚSICAS precisamos nos atentar tanto aos “conceitos de trabalho” – isto quer dizer os elementos sonoro musicais – como às práxis que envolvem a música. Desta forma, pode-se dizer que, no que tange ao pensamento musical, a produção musicoterapêutica está, em muitos casos, aquém do que uma boa operacionalização da música sugere.

Por fim, é sintomático que os termos como quântico, espaço-tempo e transdisciplinaridade não apareçam nas categorias de Ruud (1990). Isto se deve pelo fato destes termos entrarem em voga com o advento das teorias quânticas e principalmente com lançamento de *Ponto de Mutação* de Fritjof Capra, publicado em 1983, posterior ao lançamento original da publicação *Caminhos da Musicoterapia* – ano de 1980.

CONCLUSÕES

A partir do exposto até aqui pode-se dizer que existem equívocos em relação ao que se diz sobre a música que o musicoterapeuta faz. A partir das estéticas afiliadas às diferentes filosofias que sublinham as teorias da psicologia, percebemos conflitos gerados pelas diferentes ideologias expressas nos conteúdos dos textos revisados.

Jean-Yves Busseur salienta que toda notação musical é imprecisa, porém existem inúmeras formas de escrever música. Seu livro *Do som ao sinal: Notação Musical* (2014) informa várias maneiras de se escrever música – inclusive meios de escrita não ocidentais. Além destas existem as chamadas notações alternativas que muito educadores musicais utilizaram.

Nos salta aos olhos, apesar de não ter sido o objeto desta pesquisa, o fato de que a grande maioria dos textos da área da musicoterapia apresenta poucas (quando apresentam) descrições musicais. Quase não se usam termos referentes aos elementos do som e da música para descrição das práticas musicoterapêuticas. Ao contrário, se diz como se vê a música dentro da terapia.

Por fim, terminamos com alguns questionamentos: qual música se faz em musicoterapia? Quando pensamos nas músicas que fazemos, conseguimos visualizar tantos os elementos sonoro-musicais quanto a práxis envolvida? Se não pensarmos sobre a música que fazemos, como podemos nos intitular musicoterapeutas?

REFERÊNCIAS

Bardin, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.

Bosseur, Jean-Yves. **Do som ao sinal**: história da notação musical. Tradução de Marco Aurélio Koentopp. Curitiba: UFPR, 2014.

BRUSCIA, Kenneth. **Definindo musicoterapia**. Tradução de Mariza Velloso Fernandez Conde. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CUNHA, Rosemyriam. **Musicoterapia Social**. Palestra apresentada no XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, VI Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, II Encontro Nacional de Docência em Musicoterapia, 06 a 09 Set, Goiânia, 2006.

ELLIOT, D.J. SILVERMAN, M. **Music Matters**. 2 Ed. Nova York: Oxford university Press: 2015.

ENCICLOPÉDIA **Barsa**. V. 11. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1994.

GUAZINA, Laize. Reflexões sobre 'o social' em Musicoterapia. In: **Anais X fórum Paranaense de Musicoterapia e I Encontro Sul-brasileiro de Musicoterapia**, Curitiba, 2008. p.110-117.

KAIRALLA, Ivette Catarina Jabour; SMITH, Maristela Pires da Costa. A musicoterapia na medicina quântica. In: **InCantare: Rev. do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**. Curitiba, v.4, p. 23 - 45, 2013.

PASSOS, Angelo Teixeira; WAWZYNIAK, Sidinalva. Musicoterapia Crioula: estudo dos elementos característicos da brincadeira de roda de Tambor de crioula em práticas musicoterápicas. In: **Revista InCantare**, Curitiba, v.06 n.02, p. 30-51, jul./dez. 2015.

PIAZZETTA. Clara Marcia de Freitas. Música em musicoterapia: estudos e reflexões na construção do corpo teórico da musicoterapia. In: **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**, Curitiba v.1, p.1-141, 2010.

PRADO, João Vitor do. O inconsciente em musicoterapia e a intuição do terapeuta. In: **Rev. do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**. Curitiba, v.4, p. 69 - 84, 2013

RUUD, Even. **Caminhos da musicoterapia**. São Paulo: Summus, 1990.

SAKURAGI, Marcos Eikiti; CUNHA, Rosemyriam. Musicoterapia: um caminho para estabelecer vínculos e relações musicais com crianças autistas. In: **Revista InCantare**, Curitiba, v.06 n.02, p. 97-121, jul./dez. 2015

MUSICOTERAPIA QUE SE FORMA E TRANSFORMA

O que se publica nos periódicos das Universidades que contam com o curso de Musicoterapia?

Juliana Ribeiro Lopes⁶

RESUMO: O presente artigo foi elaborado com o intuito de analisar as pesquisas publicadas nos periódicos das três universidades públicas que contam com o curso de Bacharelado em Musicoterapia: Universidade Federal de Minas Gerais, com o periódico Per Musi; Universidade Federal de Goiás, com a revista Música Hodie; e Universidade Estadual do Paraná, com a publicação InCantare. A busca foi baseada nos sumários das publicações na plataforma Scielo e nos sites das publicações Hodie e InCantare. Termos como “cognição”, “memória”, “emoção”, “linguagem”, “saúde”, “deficiência”, e “neurociências”, além, obviamente, de “Musicoterapia”, associadas a “música” orientaram a escolha pelos artigos analisados. Foram encontrados cinco artigos na revista Per Musi, dez na Música Hodie e trinta e dois na InCantare. Com a análise e listagem dos artigos escolhidos, foi possível verificar que a Musicoterapia, uma área interdisciplinar por natureza e de limites flexíveis, é um campo que forma nas universidades em que está inserida, e transforma as áreas adjacentes, sobretudo Música e Medicina.

Palavras-chave: Musicoterapia. Pesquisa. Cognição. Saúde.

INTRODUÇÃO

A intenção, ao iniciar a pesquisa, foi de delimitar os tipos de investigações que emergem nos periódicos das universidades em que estão presentes os cursos de Musicoterapia. O objetivo era ir além de artigos com a expressão da área de conhecimento. Com isso, na busca pelos objetos de pesquisa, foram admitidos termos como “cognição”, “memória”, “emoção”, “linguagem”, “saúde”, “deficiência”, e “neurociências”, além de, obviamente, “Musicoterapia”.

Com isso, temas adjacentes à área, como saúde do músico e memória musical entraram no escopo dos artigos selecionados e relatados na sequência. Essa diversidade mostra a vocação interdisciplinar da Musicoterapia e sua capacidade de inserção em diversos aspectos. Ainda assim, para continuidade

⁶ Estudante do Bacharelado em Musicoterapia da UNESPAR, e-mail: lopesjulianar@gmail.com. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4559651T1>.

dessa investigação, a opção será por filtrar artigos somente com aspectos musicoterapêuticos. Essa potencialidade ficará explícita na análise dos artigos recolhidos.

Um dos problemas da pesquisa, foi o fato de um dos periódicos, a *Revista InCantare*, ser da área de Musicoterapia, o que, por um lado, oportunizou um número bastante alto de artigos, mas, por outro lado, impediu que pudesse ser apresentada a diversidade da Musicoterapia como uma área que se mostra interdisciplinar. Com isso, fica evidente o que Bruscia (2000, p. 08) admite como uma das dificuldades em definir a Musicoterapia, sendo que essa se apresenta como uma disciplina que dialoga com outras áreas de conhecimento e não tem fronteiras imutáveis. Considerando esse aspecto, e os artigos arrolados, é possível verificar uma Musicoterapia, que se forma e transforma, a partir da perspectiva refletida nos periódicos das três Universidades Públicas em que o curso se encontra inserido no Brasil.

METODOLOGIA E OBJETIVOS

A fim de delimitação da temática, a busca orientou-se pelos sumários dos periódicos, tendo em vista os títulos e resumos das publicações. Se fossem consideradas somente as palavras chaves, no periódico *Per Musi*, por exemplo, seriam apresentadas somente três publicações na área; a *Revista Hodie* trouxe um volume totalmente dedicado à Musicoterapia; e a publicação *Revista InCantare* é quase exclusivamente composta por artigos de profissionais musicoterapeutas.

Ainda assim, dentre os artigos elencados, é possível verificar que a temática da Musicoterapia, e suas contribuições às áreas adjacentes, é de grande relevância e desperta interesse em pesquisadores da Neurociência e da Música.

1. APRESENTAÇÃO DOS PERIÓDICOS

O princípio da pesquisa foi pelo arrolamento dos periódicos das três universidades públicas que contam com o curso de Musicoterapia. Esse recorte foi

definido por não constarem revistas científicas das faculdades particulares em que a graduação está ativa. Não foi analisada a existência de revistas científicas em instituições que possuam o curso de Pós-Graduação.

1.1. *Per Musi*, da Universidade Federal de Minas Gerais

O periódico *Per Musi*, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foi criado em 2000 como *Revista de Performance Musical* e, modificada, em 2004, em um periódico visando abrigar as interfaces da Música com qualquer outra obra científica (PER MUSI).

Na plataforma Scielo, os números da *Per Musi* estão disponíveis desde o ano de 2008 (volume único, n.18), o que determinou o recorte temporal da pesquisa. É no n. 20 do ano de 2009 que se encontra a primeira referência a temas adjacentes à Musicoterapia. Dos cinco artigos analisados, apenas dois contaram com a colaboração de musicoterapeutas: o primeiro artigo, de 2009, em uma equipe interdisciplinar, e o artigo publicado em 2015.

1.2. *Revista Música Hodie*, da Universidade Federal de Goiás

A revista da Universidade Federal de Goiás (UFG) foi criada em 2001. O objetivo da publicação é incentivar a produção com temáticas relacionadas “à Performance Musical e suas Interfaces, Composição e Novas Tecnologias, Educação Musical, Música e Interdisciplinaridade, Musicoterapia, Linguagem Sonora e Intersemiose, Musicologia” (REVISTA MÚSICA HODIE). No site da publicação, os números disponíveis começam no ano de 2001. Em 2015, o vol. 15 n.2, foi totalmente dedicado à Musicoterapia.

Dos dez artigos analisados, apenas dois não tinham musicoterapeutas, graduados ou pós-graduados, e/ou acadêmicos de Musicoterapia dentre os autores.

1.3. *Revista InCantare*, da Universidade Estadual do Paraná

A Faculdade de Artes do Paraná (FAP), integrada pela Lei nº 13.283, em 2001 à Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), tem o curso de Bacharelado em Musicoterapia reconhecido pelo Ministério da Educação em 1986.

O periódico da instituição, a *Revista InCantare*, publicada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia (NEPIM) foi criada em 2010, com o nome do Núcleo e rebatizada com o nome atual no ano de 2012.

No site da revista, a mesma “possui caráter interdisciplinar” e publica pesquisas “que tragam contribuições para o campo da Musicoterapia, da Música, da Educação, da Saúde e de áreas afins” (REVISTA INCANTARE).

A segunda edição do ano de 2015, volume 6, número 2, foi inteiramente dedicada aos 40 anos da formatura da primeira turma do Bacharelado em Musicoterapia da FAP. Assim, além de um perfil memorial da fundadora do curso, Clotilde Leinig, trouxe os trabalhos de conclusão de curso dos graduandos.

2. ANÁLISE DOS ARTIGOS

Com base nos artigos elencados, será feito uma breve análise dos principais temas tratados nos periódicos. Para fins de melhor visualização dos termos elencados, as menções claras a “Musicoterapia” serão grifadas.

2.1. *Per Musi*

Em comum, trazem os artigos (ver Quadro 1) aspectos da música como uma fundamental ferramenta de memória, cognição e emoção, dentro do processo terapêutico, afetando principalmente músicos, mas não sem desenvolver e impactar outros indivíduos.

Dentre os artigos analisados, destaca-se o primeiro, publicado em 2009, em acerca da relevância da música na construção da identidade, através de uma autobiografia musical, em que “a música lhes recorda sobre o quê e quem são (...) a despeito da fragilidade física e emocional imposta pela enfermidade” (FRANCA et ali, 2009).

Quadro 1. Relação de Títulos e Palavras-chave da *Per Musi*

Título do artigo	Publicação	Palavras-chave
Música e Identidade: relatos de autobiografias musicais em pacientes com esclerose múltipla.	n. 20 ano 2009	Musicoterapia; Esclerose Múltipla; Identidade; Identidade musical.
Memória: uma chave afetiva para o sentido na performance musical numa perspectiva fenomenológica.	n. 21 ano 2010	Performance musical; Memória; Fenomenologia; Fenomenologia da música.
A percepção de emoções em trechos de música ocidental erudita.	n.26 ano 2012	Emoções musicais; Percepção musical; Expertise musical.
A música por uma óptica neurocientífica	n. 27 ano 2013	Neurociência da Música; Emoção e Música; Linguagem e música; Reabilitação e música.
A Musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica	n. 32 ano 2015	Fundamentação clínica musicoterapêutica; Transtorno do Espectro do Autismo; Neurociências; Interação Musical; Comunicação Musical.

O segundo artigo, junta memória, performance e fenomenologia, no âmbito de um grupo de trombonistas. O objetivo do trabalho, não reserva qualquer aspecto musicoterapêutico. No entanto, fez essa ligação da música com a memória, apresentada como um fenômeno que culmina na performance (ROCHA, 2010). Além disso, se aproxima ao ver a música como um fundamento das relações interpessoais, a exemplo do primeiro artigo.

Por fim, o mais recente artigo desenha um histórico da Musicoterapia e a sua relação terapêutica com o Transtorno do Espectro Autista. Uma revisão bibliográfica e sintética que demonstra que a Musicoterapia “apresentaria melhoras em áreas do desenvolvimento não-musicais como, também, desenvolveria habilidades musicais, embora este não seja o objetivo primário da musicoterapia” (SAMPAIO et al., 2013).

2.2. Revista Música Hodie

O vol n. 15 n.2 foi inteiramente dedicado à Musicoterapia. No entanto, excluído esse volume, desde 2008, apenas um artigo pôde ser observado como uma área adjacente à Musicoterapia (ver Quadro 2).

Quadro 2. Relação de Títulos e Palavras-chave da Revista Música Hodie

Título do artigo	Publicação	Palavras-chave
Soothing relaxation journeys: designing evidence based music and imagery opportunities	V. 15 n. 2 ano 2015	Relaxamento; Imagens; Imagens guiadas e música; Dor; Cuidados paliativos; Oncologia.
La identidad del musicoterapeuta en España: un estudio cualitativo	V. 15 n. 2 ano 2015	Musicoterapeuta; Identidade profissional; Perfil profissional; Musicoterapia; Espanha.
Musicoterapia em medicina: uma tecnologia leve na promoção da saúde – a dança nas poltronas!	V. 15 n. 2 ano 2015	Musicoterapia; Tecnologia leve; Intervenções musicais; "Composição assistida".
Performance musical em grupo: musicoterapia, coro e banda	V. 15 n. 2 ano 2015	Performance musical em grupo; Música em Musicoterapia.
Algumas considerações sobre os efeitos negativos da música	V. 15 n. 2 ano 2015	Utilização da música; Riscos; Efeitos negativos.
Musicoterapia em ambulatório de epilepsia e aplicação de pré e pós teste da escala de humor de brunel (brums) para averiguar a mudança de humor	V. 15 n. 2 ano 2015	Musicoterapia; Epilepsia; Teste de Brunel/Brums; Modelo de Cognição.
Ampliando a compreensão sobre a relação entre a música e a expressão gênica através de uma revisão sistemática	V. 15 n. 2 ano 2015	Música; Habilidade musical; Musicoterapia; Expressão gênica; Biologia molecular
Cuidando de quem cuida: uma revisão integrativa sobre a musicoterapia como possibilidade terapêutica no cuidado ao cuidador	V. 15 n. 2 ano 2015	Música em medicina; Musicoterapia; Cuidadores; Cuidado
Oficina de enriquecimento musical do programa de atenção a alunos precoces com comportamento de superdotação (PAPCS)	V. 15 n. 2 ano 2015	Superdotação musical. Avaliação. Oficina de enriquecimento musical.
Aplicação de conceitos da psicologia cognitiva na construção de automatismos na leitura musical.	v. 16 n. 1 ano 2016	Cognição; Leitura Musical à primeira vista; Automatismos na leitura musical.

Dentre os artigos, destaca-se o de Rejane Mendes Barcellos, (2016), em que a autora diferencia a música em medicina da Musicoterapia. O artigo de Cunha (2016) apresenta um estudo sobre a performance musical em grupo, inclusive no contexto musicoterapêutico. Mais uma vez, reafirma-se a música como elemento social.

Além disso, destacam-se, entre os temas: no tocante à emoção, os efeitos negativos que a música pode ter; da conexão de música e saúde, a observação de mudanças de humor; a conexão entre a música e Musicoterapia e ou Genética; a pesquisa acerca da identidade do musicoterapeuta.

Por fim, no volume de 2016, consta o único artigo destacado que se encontra em volume diverso, e se atém sobre a capacidade da memória de violonistas, o que perfaz uma conexão com o artigo já relatado da *Per Musi*.

Dos dez artigos elencados, seis fazem alusão de forma direta à Musicoterapia, tanto nas palavras-chave quanto nos títulos. No primeiro encontrado, a referência a um método utilizado em um processo musicoterapêutico, chamado Guided Imagery and Music (GIM) que, no artigo relatado, associa um estado de relaxamento e diminuição de ansiedade no contexto de um hospital oncológico. No entanto, o termo “Music Therapy” se encontra apenas quatro vezes.

2.3. *Revista InCantare*

O periódico da UNESPAR foi o que contou em suas edições com o maior número de artigos, totalizando 30 (ver Quadro 3), o que em parte se deve ao fato de o mesmo ter iniciado como revista de pesquisas interdisciplinares em Musicoterapia. E, justamente por essa interdisciplinaridade, que se coaduna à área, que foi necessária a maior diferenciação. Entre temáticas como inclusão na educação e deficiências, ocasionaram a análise desses artigos que, arrolados na

pesquisa, foram descartados por não conter clara conexão à pesquisa musicoterapêutica.

A edição de 2015, v. 06 n. 02, trouxe uma edição comemorativa dos 100 anos da FAP e 40 anos de formatura da primeira turma de Musicoterapia, iniciando por um artigo memorial acerca de Clotilde Espínola Leinig, fundadora do curso, e composta pelos trabalhos de conclusão de curso. Curiosamente, o histórico é o único dos artigos assinado por uma pesquisadora de área diversa à Musicoterapia.

Quadro 3. Relação de Títulos e Palavras-chave da Revista *InCantare*

Título do artigo	Publicação	Palavras-chave
Homem, Música e Musicoterapia	v. 1 ano 2010	Homem; Música, Musicoterapia.
Musicoterapia: A Música como Espaço-tempo relacional entre o sujeito e suas realidades	v. 1 ano 2010	Música; Musicoterapia; Dimensão relacional; espaço-tempo.
Música em Musicoterapia: estudos e reflexões na construção do corpo teórico da Musicoterapia	v. 1 ano 2010	Música em Musicoterapia; Filosofia da Música; Mousiké; Musicing
Cantar...e cantar...e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz: A prevenção dos distúrbios da comunicação no educação infantil	v. 1 ano 2010	Música; Linguagem; Educação infantil
Diálogos entre a Musicoterapia e a Transdisciplinaridade	v.2 ano 2011	Musicoterapia; Transdisciplinaridade.
A Sublimação como finalidade do trabalho em saúde mental	v.2 ano 2011	Sublimação; psicanálise; saúde mental; arte.
Trocas afetivas e psicossociais em Musicoterapia: Grupos no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas	v.2 ano 2011	Reforma Psiquiátrica; musicoterapia social; trocas afetivas e psicossociais; Centro de Atenção Psicosocial.
Musicoterapia com trabalhadores: Uma visão fenomenológica das publicações brasileiras	v.2 ano 2011	Contexto de trabalho; musicoterapia organizacional; musicoterapia institucional; abordagem esquizoanalítica.
Desafios da contemporaneidade: A Musicoterapia na sala de diálise no tempo dos IPODS. Pode?	v.2 ano 2011	Musicoterapia; Contemporaneidade; iPods; Diálise.
Análise Musical de uma estratégia de cuidado grupal: Funções terapêuticas da música para sistemas familiares durante quimioterapia	v. 3 ano 2012	Musicoterapia; Enfermagem; Relações Familiares; Quimioterapia.
Encontros sonoros: O corpo e a voz num processo musicoterapêutico grupal	v. 3 ano 2012	Musicoterapia; Saúde mental; Terapia grupal; Corpo e voz.
A Musicoterapia na Medicina Quântica	v. 4 ano 2013	Musicoterapia; Energia Quântica; Som.

O Corpo como Recurso de Expressão em Musicoterapia	v. 4 ano 2013	Corpo; Movimento; Expressão; Linguagem não verbal; Integralidade.
O Inconsciente em Musicoterapia e a Intuição do Terapeuta	v. 4 ano 2013	Inconsciente; Automatização; Intuição; Percepção; Terapeuta.
Efeitos da Música e da Musicoterapia na Pressão Arterial: uma revisão de literatura	v. 5 ano 2014	Música; Musicoterapia; Cardiologia; Pressão Arterial; Hipertensão.
Musicoterapia na Educação: convergências e divergências no contexto escolar	v. 5 ano 2014	Musicoterapia; educação; interdisciplinaridade.
Musicoterapia e Processo Grupal: Prática Musical coletiva com alunos da segunda série do ensino básico	v. 6 ano 2014	Processo grupal; Atividades lúdico musicais. Musicoterapia; Aspectos socioculturais; afetivos, cognitivos e corporais no espaço de prática musical coletiva.
Narrativa da história de vida de uma Musicoterapeuta precursora da profissão no Brasil: Além do Musicoterapeuta	v. 6 n. 1 ano 2015	Identidade; Musicoterapia; Reconhecimento.
Clotilde Espíndola Leinig: uma formadora de musicoterapeutas	v. 6 n. 2 ano 2015	Clotilde Espíndola Leinig (1914-2009); Musicoterapia – Paraná; Musicoterapia - História.
Musicoterapia Crioula: estudo dos elementos característicos da brincadeira de roda de Tambor de Crioula em práticas musicoterápicas	v. 6 n. 2 ano 2015	Musicoterapia Social; Tambor de Crioula; Manifestação Cultural.
Canta canta, minha gente: um estudo de caso sobre a musicoterapia com pacientes portadores de insuficiência renal crônica em hemodiálise	v. 6 n. 2 ano 2015	Musicoterapia; Hemodiálise; Efeitos Psicofisiológicos da Música; Promoção de Saúde.
Desenvolvimento de aplicativos e jogos de música para utilização no campo da musicoterapia	v. 6 n. 2 ano 2015	Aplicativos web; Musicoterapia; Tecnologia Digital.
Musicoterapia: um caminho para estabelecer vínculos e relações	v. 6 n. 2	Musicoterapia; Autismo; Manifestação Verbal; Manifestação Sócio Afetiva;

Ressonâncias do trabalho musicoterapêutico em grupo no contexto da saúde mental: mergulhando no universo da loucura	v. 6 n. 2 ano 2015	Musicoterapia; Residência Terapêutica; Saúde Mental.
Musicoterapia e epilepsia de difícil controle	v. 6 n. 2 ano 2015	Epilepsia; Musicoterapia; Audição Musical.
Reabilitação Cognitiva e Musicoterapia	v. 7 n. 1 ano 2016	Musicoterapia neurológica; Reabilitação cognitiva; Atenção; Memória; Funções executivas.
Musicoterapia Muda o Humor de Pacientes Submetidos ao Transplante de Celulas-Tronco Hematopoéticas	v. 7 n. 1 ano 2016	Musicoterapia; Ansiedade; Humor; Dor; Transplante de células tronco alogênico.
Estudo retrospectivo do Perfil do Paciente Atendido pelo Serviço de Musicoterapia em uma Clínica Ambulatorial de Demência	v. 7 n. 1 ano 2016	Musicoterapia; Demência; Prática Clínica.
Musicoterapia e educação musical no contexto hospitalar: aproximações e distanciamentos	v. 7 n. 1 ano 2016	Educação Musical; Musicoterapia; Hospital; Práxis.

Dos 30 artigos elencados, 28 continham o termo Musicoterapia, seja nas palavras-chave, seja no título, em acepções múltiplas como, por exemplo, ao citar áreas de Musicoterapia, como Neurológica e Organizacional.

No primeiro número da revista, as edições do ano de 2010, um dos artigos, aparentemente, não fazia parte do escopo da pesquisa. No referente à educação musical, no entanto, na leitura do artigo se mostra o desenvolvimento da linguagem como objetivo, tendo a interface entre Música e Musicoterapia exposta nesse artigo. O termo “musicoterapia” é citado somente quanto à diferenciação das duas áreas.

Em uma abordagem apenas das palavras-chave, é possível verificar a diversidade de patologias que são passíveis de uma aplicação da Musicoterapia. Dentre os termos, epilepsia, demência, ansiedade e transtorno do espectro autista. Essas últimas, também contaram com pesquisas nas duas publicações anteriormente citadas, de modo que é perceptível que a Musicoterapia, atualmente, direciona sua aplicação para demandas, sem limitar-se a essas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pôde observar nos artigos analisados, por seu conteúdo e resumos, foi a conexão crescente da música como um meio de expressão terapêutica e de estímulo ao desenvolvimento de habilidades cognitivas, mesmo em pesquisas não expressamente localizadas na área da Musicoterapia. Por mais que os limites sejam flexíveis, lembrando Bruscia, as pesquisas que emergem nos periódicos das universidades mostram uma densidade na atuação hospitalar e social, em especial na *Revista InCantare*; a memória e as emoções como habilidades transformadas pela música, conforme *Per Musi* e *Revista Música Hodie*; e a área de Música e mais fortemente a Musicoterapia como de grande contribuição à Medicina e à Neurociência.

Em uma abordagem aprofundada dessa perspectiva, pode ser possível verificar os termos mais usados no teor dos artigos analisados. Importante ressaltar que as publicações não contam com, exclusivamente, pesquisas de docentes ou discentes das instituições, o que poderia, além disso, refletir o perfil institucional de cada uma das universidades. Ainda assim, a tendência de cada uma das publicações determina a ênfase que pretende adotar a universidade.

A partir dessa perspectiva, de uma Musicoterapia que forma e transforma, através dos periódicos das três universidades, é possível prosseguir em direção a uma contextualização do que se produz em pesquisa em Musicoterapia, no Brasil, para reconhecer o quanto a área se amplia e transforma.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, L. R. M. Musicoterapia em medicina: uma tecnologia leve na promoção da saúde – a dança nas poltronas! **Revista Música Hodie**, Goiânia, V.15 - n.2, 2015, p. 33-47.

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CUNHA, R. Performance musical em grupo: musicoterapia, coro e banda. **Revista Música Hodie**, Goiânia, V.15 - n.2, 2015, p. 48-61.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; MOREIRA, Shirlene Vianna; LANA-PEIXOTO, Marco Aurélio; MOREIRA, Marcos Aurélio. Música e identidade em portadores de esclerose múltipla. **Per Musi**, Belo Horizonte, n.20, 2009, p.54-63,

PER MUSI. [Portal]. Disponível em: <<http://www.musica.ufmg.br/permusi/port/>>. Acesso em 15 de Jun. 2017.

REVISTA INCANTARE. [Portal]. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/index>>. Acesso em 15 de Jun. 2017.

REVISTA MÚSICA HODIE. [Portal]. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/musica>>. Acesso em 11 de Jun. 2017.

ROCHA, Sérgio de Figueiredo. Memória: uma chave afetiva para o sentido na performance musical numa perspectiva fenomenológica. **Per Musi**, Belo Horizonte, n.21, 2010, p.97-108.

SAMPAIO, Renato Tocantins; LOUREIRO, Cybelle Maria Veiga; GOMES, Cristiano Mauro Assis. A Musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica. **Per mus**, Belo Horizonte , n. 32, p. 137-170, Dez. 2015 .

O CURSO DE MUSICOTERAPIA NO PARANÁ: DOS ANOS 70 ATÉ OS ANOS 90

Sheila Beggiano⁷

O Curso de Musicoterapia, da então Faculdade de Educação Musical do Paraná (FAP), atualmente pertencente a Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), foi um dos pioneiros no sentido de propor uma organização acadêmica para formar os primeiros profissionais musicoterapeutas no Brasil. Isto se deveu ao empenho pessoal da professora Dra. Clotilde Espínola Leinig, que buscou nos Estados Unidos suas bases de conhecimentos teóricos e ao regressar, propôs um Curso de Especialização em Musicoterapia, para os alunos do Curso de Licenciatura em Música, da Faculdade de Educação Musical do Paraná (atual UNESPAR).

Alguns anos mais tarde, o curso passou a funcionar como graduação, sendo o primeiro curso do Brasil, na modalidade de especialização e segundo curso na modalidade graduação. O primeiro curso de graduação em Musicoterapia do Brasil foi no Rio de Janeiro. A partir daí, muitos outros fatos e acontecimentos tiveram lugar na história da Musicoterapia no Paraná e no Brasil, levando a ampliação das formações de musicoterapeutas. Outros estados seguiram este mesmo movimento e criaram cursos de graduação em Musicoterapia.

Todo este percurso, de grande relevância histórica e social, da Musicoterapia, especificamente no Estado do Paraná e que, inclui vários atores, foi investigado pela autora para a devida documentação e registro.

⁷ Musicoterapeuta formada pela Faculdade de Artes do Paraná (atual UNESPAR); Mestre em Educação pela PUC- PR. Professora e supervisora do Curso de Musicoterapia da UNESPAR - FAP. Coordenadora do Centros de Estudos e Pesquisa em Musicoterapia (CAEMT) da UNESPAR – FAP. Editora Chefe da Revista Brasileira de Musicoterapia. Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/1731908722522643>. E-mail sheilabeggiano@gmail.com

O objetivo geral da pesquisa foi cartografar a Musicoterapia no Estado do Paraná, considerando o Curso de Especialização, o Curso de Graduação/Bacharelado e as áreas de estágios e atuação profissional dos musicoterapeutas do final dos anos 60 até o final dos anos 90 buscando compreender as (inter)relações entre todos estes e, almejando conhecer a realidade histórica em sua complexidade.

METODOLOGIA

A proposta da pesquisa utilizou o método cartográfico, entendendo-o como

procedimento de pesquisa que exige do pesquisador posturas específicas. Convoca-o para um exercício cognitivo peculiar, uma vez que, estando voltado para o traçado de um campo problemático, requer uma cognição muito mais capaz de inventar o mundo. Trata-se de uma invenção que somente se torna viável pelo encontro fecundo entre pesquisador e campo pesquisa, pelo qual o material a pesquisar passa a ser produzido e não coletado, uma vez que emerge de um ponto de contato que implica um deslocamento do lugar de pesquisador como aquele que vê seu campo de pesquisa de um determinado modo e lugar em que ele se vê compelido a pensar e a ver diferentemente, no momento mesmo em que o que é visto e pensado se oferece ao seu olhar (AMADOR, FONSECA, 2009, p. 30).

Nesta proposta metodológica “visa-se acompanhar um processo, e não representar um objeto mapa do presente que demarca um conjunto de fragmentos, em eterno movimento de produção” (MOURA, s/d). Para tanto, dois percursos que se entrecruzam: um deles trabalha com a busca, coleta e análise documental, que nos aponta para os movimentos da musicoterapia desde o início do curso de especialização, assim como sua transformação em curso de graduação/bacharelado; os registros de estágios e de parcerias interinstitucionais que se encontram nos arquivos da Faculdade de Artes do Paraná (UNESPAR), e em possíveis documentos pessoais dos pioneiros da Musicoterapia no Paraná. A

busca por fotos e vídeos também foram incluídas neste percurso, já que o método cartográfico concentra-se na experiência, na localização de pistas e de signos do processo em curso (MOURA, s/d).

Ainda na coleta de material, buscou-se documentos na Associação de Musicoterapia do Paraná, que nasceu paralelamente a criação do curso.

Outra via do percurso metodológico foram as entrevistas com professores e profissionais envolvidos com a Musicoterapia, desde o início do curso, e que contribuíram tanto para o crescimento do curso como para o estabelecimento da profissão e que possuem em sua memória os fatos e acontecimentos referentes a história da Musicoterapia no Paraná.

RESULTADOS

Após a coleta de documentos, fotos, entrevistas foi possível construir um quadro dos primeiros anos do curso, com o nome de todos os formados, tanto pela modalidade do curso de especialização, como os graduados. Nesta esteira, também, foram revelados os nomes dos especialistas que posteriormente retornaram a FAP para fazer a adaptação curricular e assim se tornarem graduados em Musicoterapia.

As entrevistas desvelaram os bastidores do processo de transformação do curso de especialização em graduação, que só poderia ser conhecido pelos atores que viveram o momento.

Foi possível construir um panorama dos primeiros 20 anos do curso de Musicoterapia no Paraná, destacando nomes que tiveram papel importante na construção e consolidação da Musicoterapia no estado.

REFERÊNCIAS

AMADOR, Fernanda; FONSECA, Tania Mara Galli. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa – considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. In: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61,

n. 1, 30-37, 2009.

MOURA, HERNANDEZ, **Cartografia como método de pesquisa em arte**, s/d.
Disponível em
<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/viewFile/1694/1574>

ELEMENTOS DO RAP E DO FUNK BRASILEIROS PARA AS PRÁTICAS DE MUSICOTERAPIA

Frederico Gonçalves Pedrosa⁸

RESUMO

O presente artigo visa dar subsídios teóricos para a prática da musicoterapia a partir dos elementos poético-musicais do repertório da “Música Negra Eletrônica Negra Popular Brasileira” (FRANCIO, 2016). A partir de revisão de literatura de textos das áreas de musicoterapia, musicologia e etnomusicologia que versam sobre RAP e Funk nacionais, bem como de vídeos virtuais dos *insiders* destes gêneros e da prática do subscritor, buscou-se elementos recorrentes das referidas canções que podem se aplicar às práticas de musicoterapia com base nas experiências musicais descritas por Bruscia (2010).

INTRODUÇÃO

Entre dezembro de 2012 e março de 2016 o presente subscritor teve a oportunidade de atender, como musicoterapeuta, adolescentes em recuperação de dependência química, usuários de um hospital na cidade de Piraquara/PR. Nos grupos de musicoterapia se constatou que a escuta da maioria dos pacientes transitava pelo cancionário RAP e Funk⁹ nacionais. Inicialmente, buscou-se conhecer estas músicas, bem como a trajetória destes estilos. Posteriormente se verificou aspectos poéticos e musicais predominantes que poderiam fazer parte dos grupos terapêuticos.

Entrou-se em contato com a literatura sobre o tema disponível virtualmente, na época, e se traçou estratégias de abordagens dos referidos gêneros, bem como do uso de seus elementos para, a partir deles, desenvolver os objetivos terapêuticos. De uma forma geral, foram bem sucedidas as tentativas de inserção deste repertório nos grupos de musicoterapia.

⁸ Docente do curso de Bacharelado em Musicoterapia, Mestrando em Música pela UFPR, Bacharel em Musicoterapia pela UNESPAR – FAP. E-mail: frederico.musicoterapia@gmail.com.

⁹ Gêneros que compõem a Música Eletrônica Negra Popular Brasileira (FRANCIO, 2016).

Atualmente, existem poucas publicações, em base de dados virtuais, que dão conta do rap e do funk nos trabalhos dos musicoterapeutas. Dos cinco artigos encontrados a partir de pesquisa no Google Acadêmico, quatro fazem uso apenas contingencial dos referidos estilos (são eles SANTOS, TEXEIRA, ZANINI, 2011; FERRARI & TIBÚRCIO, 2012; GONÇALVES, 2010 e ANDREOLLA & PIASENSK, 2009). Por outro lado, Santos (2015), nos informa que, a partir do trabalho com RAP e Funk nacionais, desenvolveu experiências de composição e improvisação musicais (BRUSCIA, 2000).

Neste artigo pretende-se fazer breve revisão bibliográfica, apoiada em documentos que versem sobre os aspectos musicais envolvidos na produção do RAP e do Funk nacionais, para se averiguar elementos recorrentes que identificam tais musicalidades. Em sequência se discutirá possibilidades de inserção de tais elementos nos trabalhos da musicoterapia a partir de exemplos vivenciados, pelo autor, na referida instituição.

DESENVOLVIMENTO

A palavra RAP pode conter vários significados. Pedro Francio (2016), diz que RAP é uma sigla para a expressão em inglês *rhythm and poetry* (ritmo e poesia). A palavra designa em um estilo musical em que um *Master of Ceremony* (MC) versa em rima sobre uma base rítmica reproduzida eletronicamente pelo DJ – que é o responsável pela produção e execução da sonoridade eletrônica. Loureiro (2016), no entanto, problematiza tal fato ao dizer a palavra *rap*, presente nos dicionários de língua inglesa, remonta ao século XIV e que dizer algo como bater, criticar.

Nos ano 60 do século passado houve grande imigração jamaicana para o bairro do Bronx, em Nova York. A partir da influência desta imigração e com a cultura dos *toasters*¹⁰ levada a cabo por esta população, criou-se, na década de 70, a música RAP nos Estados Unidos da América. Esta musicalidade aporta no

¹⁰ Rimadores jamaicanos.

Brasil na década de 80¹¹, a partir dos bailes *blacks*, impactando, em maior medida, dois locais diferentes, de formas diferentes, com atores diferentes.

Em São Paulo predominou-se o uso desta musicalidade no RAP que se desenvolveu a partir de artistas como Miele, Black Junior's, Buffalo Girls, Eletric Boogies, Villa Box e Pepeu (TV GAZETA, 2016). No Rio de Janeiro esta musicalidade verteu no funk a partir dos bailes *Black* realizados na casa de shows Canecão, localizada na região do Botafogo) e depois se descentraliza em direção às periferias¹².

ELEMENTOS POÉTICO-MUSICAIS DO RAP

Em entrevista à TV Gazeta, Pepeu nos conta que, na década de 80, existiam os “disco mix”. Estes discos eram *singles*¹³, que possuíam no lado A a música com a voz, e no lado B a música sem a voz. Eram feitos assim já com o cuidado de preparar material para os *DJs* nos bailes black e as canções eram sempre em língua inglesa. Pepeu, assim, fazia versões em português destas músicas o que causava grande impacto no público. A este dispositivo de composição se chama “melô”.

O grupo Racionais MC's são reconhecidos como o maior nome do RAP nacional (LOUREIRO, 2016). Nos anos 1990, dados altos índices de violência urbana e a diluição da “unidade político-estética” mercadológica que a MPB possuiu em décadas anteriores, o Racionais desponta “captando a experiência brasileira com sua lente original” (TAPERMAN, 2015 p. 67).

Uma das músicas de grande destaque dos Racionais é o Homem na Estada, lançada em 1993. Esta música utiliza de *sampler* da canção Ela Partiu de Tim Maia com uma bateria eletrônica. Na transcrição temos a base das baterias eletrônicas comuns neste estilo, no primeiro compasso, e, no segundo podemos

¹¹ Para maior contato com este conteúdo ver Viana Junior (1985), Francio (2016) e Loureiro (2016).

¹² Para maiores informações assistir TV GAZETA (2016).

¹³ Pequenos discos de vinil que possuíam apenas uma música em cada lado.

observar a variação que o Racionais utiliza na referida música (bumbo no registro grave, caixa no registro médio e chimbau no agudo):

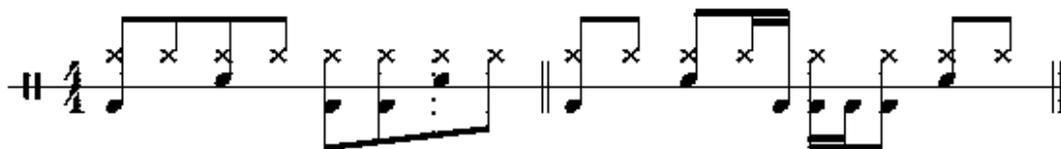


Figura 1: transcrição Boom Bap e variação de O Homem na Estrada

Ao visualizarmos a análise dos versos (abaixo) podemos perceber que a construção deles é, geralmente, a partir de rimas consonantes e que o autor procura rimar entre duas frases sequenciais, chamada – pela norma culta – de rimas emparelhadas. Na primeira estrofe de O Homem na Estrada as encontramos com a seguinte sequência ABBACCDDEEFFFFGGEEHH, demonstrada a seguir:

Um homem na estrada recomeça sua vida (A)
 Sua finalidade (B) a sua liberdade (B)
 Que foi perdida, subtraída (A)
 E quer provar a si mesmo que realmente mudou (C)
 Que se recuperou (C) e quer viver em paz (D)
 Não olhar para trás, dizer ao crime: nunca mais! (D)
 Pois sua infância não foi um mar de rosas, não (E)
 Na FEBEM, lembranças dolorosas, então (E)
 Sim (F), ganhar dinheiro, ficar rico, enfim (F)
 Muitos morreram sim (F), sonhando alto assim (F)
 Me digam quem é feliz, quem não se desespera (G)
 Vendo nascer seu filho no berço da miséria. (G)
 Um lugar onde só tinham como atração (E)
 o bar e o candomblé pra se tomar a benção (E)
 Esse é o palco da história que por mim será contada (H)
 Um homem na estrada (H)

Além de Racionais, contamos com inúmeros grupos e MC's que fizeram e fazem história no RAP nacional, como Pavilhão 9, DMN, Kamau, Rappin' Hood, Xis e Sabotage. Atualmente existe uma “nova geração” do RAP onde se pode citar Criolo, Emicida, Tássia Reis, RAPadura, Janine Mathias, Neto (do Síntese), Karol Conka, entre outros (TV GAZETA, 2016).

Esta nova geração propõe novidades e inovações para o RAP nacional, por exemplo, elementos musicais de outros gêneros (como afrobeat, jazz, baião, coco), procuram utilizar – também – de instrumentos reais e criam versos a partir de outras formas de se fazer, como exemplo, a técnica chamada multissilábica. Na música *Sau*, feita pelos MC Sal em parceria com MCs Flow, Amiri, R Sapiência, Bitrinho e Jota Ghetto (que é também o produtor), percebe-se a estrutura poética multissilábica (TREEZE, 2016), bem como a rítmica baseada em um *timeline*¹⁴ diferente daquele que é comum ao RAP:



Figura 2: beat de *Sau* e variação.

Esta rítmica se assemelha à recorrente nos *timelines* do funk carioca, desde o período tamborzão – abordado posteriormente. No entanto os timbres usados pelo produtor musical e mesmo o seu andamento, se assemelha ao Trap, estilo instrumental do RAP encontrado com frequência no cenário nacional e que se opõe ao tradicional Boom Bap. A estrutura dos versos se encontra, por vezes, com rimas multissilábicas. Esta técnica, segundo Guilherme Treeze (2016), designa o ato de rimar a partir de mais do que uma sílaba por verso, como mostramos abaixo:

Barraco telha de front sou um menino light,
 pilaco na de meia é “Don” e quer viver na night.
 Brabo discutindo, rindo, cuspindo saliva,
 quem não tendo os canino tá sorrindo com a gengiva.
 Bolado na balada o caladofala de marra,
 encosta nela e sarra os pé de barro tá na farra
 Torra antes que morra o torro berra no bote,
 evento lá no morro laje vira camarote.

ELEMENTOS POÉTICO-MUSICAIS DO FUNK

¹⁴ O conceito de *timeline* será abordado mais adiante.

Com autoria de Ademir Lemos o primeiro funk feito em solo nacional, se chama Rap da Rapa. Esta música possui um *sampler* da guitarra de *Cocaine* do Eric Clapton, com um baixo peculiar e uma bateria eletrônica que faz a seguinte célula rítmica:



Figura 3: transcrição do beat de Rap da Rapa.

A poesia desta canção está disposta em rimas mistas, em que se procura versar entre as frases pares, sendo que os ímpares não rimam entre si:

A gente, que é do funk
 quer mais é movimento. (A)
 Ficar de bem com a vida
 curtir esse momento. (A)
 O preto e o branco têm
 direito ao seu espaço. (B)
 Agora vou, amor
 arrancar o seu abraço. (B)

Analisando textos e documentários pode-se traçar linhas evolutivas na história do funk nacional. A partir dos bailes da pesada do Canecão, se desenvolveu os subgêneros charme, rap-pede-paz, *melody*, sensual e *pop funk* de um lado e de outro os bailes *funk*, de corredor, proibidão, putaria, entre outros (PALOMBINI, 2015; CANAL DA MIX, 2013).

Carlos Palombini (2015) comenta que a principal distinção entre os estilos está na base (que consiste em um pedal rítmico – o que autores filiados à etnomusicologia chamam de *timeline* – “sampleados” e comprometidos ou modificados a partir de trabalho digital). Estas bases são divididas em três grupos, o Volt Mix, Tamborzão e o Beatbox.

Segue uma transcrição de exemplo tamborzão e beatbox já que uma bateria de volt mix foi transcrita logo acima ao se falar da música de Ademir

Lemos. A primeira figura representa conga aguda, tom-tom e bumbo e a terceira um beatbox (as sílabas que se fazem menção estão descritas na legenda):



Figura 4: Tamborão transcrito por Lucas Ferrari (apud PALOMBINI, 2015)



Figura 5: Beatbox transcrito por Lucas Ferrari (apud PALOMBINI, 2015). “Dum tcha-tchatztu-gutcha tu-”.

Palombini (2015) argumenta que na redução de calibres de massa no campo das alturas e cerceamento aos espaços dos bailes há sincronismo e isonomia:

A base perde agudos quando, no final dos anos 1990, os principais bailes de corredor estão fechados. A base perde graves quando, no final de 2010, os principais bailes de comunidade estão proibidos. Todavia, ao desocupar o grave e o agudo e concentrar sua identidade de gênero musical na região da fala, onde o ouvido é mais sensível, o Funk Carioca sublinha sua identidade ao mesmo tempo em que se abre, nos espaços desocupados, para hibridizações e metamorfoses (p. 6).

O referido autor comenta ainda que a forma com que os atores do Funk Carioca utilizam elementos importados (sejam faixas de Eletro, sejam técnicas de Discotecagem Compton) ilustra modos de circulação e apropriação entre as culturas da diáspora africana. Desta forma, no próximo item analisaremos recorrências musicais nestes estilos que são elementos que também são incidentes na música africana.

ELEMENTOS DE MÚSICA AFROBRASILEIRA E SUA RELAÇÃO COM A FUNK

Em seu texto intitulado *Diásporas Musicais Africanas no Brasil*, Paulo Dias (S/D) nos dá elementos recorrentes nas musicalidades de raiz afro. Ele nos diz que é recorrente os ciclos de 8 a 16 pulsos na musicalidade banto, bem como melodias heptatônicas e canto responsorial. Além disto, pontua que a reverência à ancestralidade espiritualizada e a sacralidade dos tambores – não à toa que o *tamborão* se vale dos ritmos de *candomblé* de angola (raiz banto) para produzir sua rítmica específica.

Oliveira Pinto (2001), ao abordar os elementos de música africana remanescentes no Brasil diz que algumas características remontam a influência desta diáspora. Entre estas características destacamos:

- Música e Dança: “a partir de sua semântica, fica evidente que na maioriasídiomas africanos o aspecto sonoro e o movimento de música e dança são inseparáveis” (p. 238).
- Pulso elementar: é a pulsação contínua de valores de tempo mínimos. (...) Na prática esta acentuação se dá, por exemplo, na execução de um padrão de chocalho na bateria de samba que preenche as pulsações elementares ininterruptamente (p. 239).
- Notação oral: padrões rítmicos são muitas vezes fixados de forma não escrita. A sua manutenção fonética serve para a transmissão de determinadas configurações musicais (p.239).
- *Time-line-pattern*: Este é um padrão rítmico especial, de configuração assimétrica, que funciona como “cerne estrutural” da música (p. 240).

Menezes (S/D) argumenta, também que não existe “batucada” nos Estados Unidos porque foi proibido, em 1740, o uso dos instrumentos percussivos em retaliação à uma marcha por liberdade. Assim, a musicalidade – principalmente a rítmica – de raiz afro, nos EUA, se deu a partir de instrumentos melódicos e harmônicos restando aos instrumentos rítmicos executarem o *duple* (bumbo, caixa, bumbo, caixa – cada um em uma semínima num compasso quaternário).

Todos os elementos apresentados nesta sessão estão presentes em todos os exemplos musicais expostos no primeiro item – exceção feita ao pulso elementar e já explicado o porquê da sua não presença. São elementos bem recorrentes na “música negra eletrônica brasileira” (FRANCIO, 2015).

Ao entendermos o RAP e o Funk como pertencentes ao universo da música afrodescendente perceberemos que neles estão contidos os mesmos elementos encontrados nas práticas de matriz afro apontados por Dias (S/D) e Oliveira Pinto (2001). Desta forma, é possível utilizar elementos desta musicalidade para a prática da musicoterapia, independente da filiação filosófica, religiosa ou mesmo musical do terapeuta – o que se discutirá a seguir.

ELEMENTOS DA MUSICALIDADE RAP E FUNK NA MUSICOTERAPIA

Segundo Bruscia (2000), “o conjunto de atividades musicais percussivas e outras correlatas (corporal, movimento, dança, voz) desenvolvidas em rodas de tambores podem ser distribuídos dentre as experiências em musicoterapia”. Argumentamos que podemos pensar da mesma forma em relação aos elementos da música negra eletrônica popular brasileira. Em seguida descrevemos uma atividade possível para cada uma das experiências descritas pelo referido autor.

Composição

As experiências de composição são muito eficientes ao se tratar da musicalidade aqui estudada, pois o próprio contexto destas musicalidades propõe níveis de composição. Os pacientes que se identificam com este repertório e geralmente também as compõem. Nas experiências do subscritor foram interessantes as mediações nos processos de composição a partir de técnicas analisados nos RAPs e Funks (p.e. as estudadas acima).

Característica recorrente em RAPs é samplear canções existentes para usar de refrões – entre as estrofes¹⁵ – de músicas conhecidas. Isto se mostra eficiente quando é proposta a experiência de composição, sendo necessário apenas o corpo como instrumento musical. No entanto, pode-se usar também instrumentos musicais de vários tipos para criarem os efeitos necessários.

Improvisação

A partir das células descritas acima é possível trabalhar com o ensino de instrumentos de percussão brasileira. Indica-se separar as células de pulso elementar (colcheias ou semicolcheias) para os instrumentos idiofones de agitação (p.e. caxixi, meia lua, mineiro), as *time-lines* para os instrumentos mais agudos (p.e. tamborim, clavas, agogô) e membranofones (p.e. bongô, conga, timba) e a marcação de pulso para os instrumentos mais graves (fazendo *duple* no RAP e marcando o segundo e o quarto tempo nos Funks).

Estas células possibilitam inúmeras combinações bem como técnicas de regência, trabalhos com dinâmicas (intensidade) e desenvolvimentos de outras musicalidades a partir dos instrumentos musicais. É também possível praticar o que é chamado de *freestyle*, que é uma improvisação a partir de rimas feitas instantaneamente – um repente com a estética RAP e Funk – ou mesmo técnicas de beatbox.

Audição

Pode-se trabalhar a partir de conteúdos poético-musicais contidos nas letras. Existem muitos paralelos que podemos realizar a partir das temáticas das letras das canções, cotidiano brasileiro, representatividade afrobrasileira, violência e criminalidade, recuperação de dependência química, entre outras.

¹⁵Como é possível ouvir em Bate na Porta do Céu de Face da Morte, Depoimento de um Viciado de Detentos do RAP e Sing for theMoment de Eminem.

Outra forma de utilizar a audição destes estilos é a partir da “audição ativa”, proposto por muitos métodos pedagógicos. Romanelli (2013), propõe que “para se pensar na audição, o ideal é propor atividades lúdicas que tenham como resultado final a diminuição do ruído dentro da sala de atividade e consequente aumento da percepção” (p. 14).

Recreação

A realização de seleção de músicas e gravação de CDs para as atividades de lazer da referida instituição em Piraquara/PR se mostrou eficiente. Nos grupos de musicoterapia se discutia o repertório que posteriormente era ouvido pelo musicoterapeuta. Esta última escuta analisava conteúdos éticos expressos e determinava a inclusão ou exclusão das canções.

CONCLUSÃO

Neste texto, se procurou mostrar a amplitude que a música RAP e funk pode alcançar, tanto no sentido poético-musical, como ao dar possibilidades para o trabalho do musicoterapeuta em contextos nos quais os pacientes (interagentes, participantes, usuários) se identifiquem com esta musicalidade.

Ao falar da musicoterapia no espaço escolar, Cunha & Volpi (2008) comentam que é necessário que as pessoas interajam com a linguagem musical para que a música possa ser catalizadora de manifestações criativas, como a expressão corporal, a dramatização e a poesia. As autoras salientam que ao “perceber-se na expressão de seu repertório de significados e sentidos afetivo-musicais” (*ibidem*, p.89), pode-se agir no meio social de forma mais crítica e criativa” (*idem*). O mesmo se aplica em práticas dos contextos ora explorados.

Como a prática de Santos (2015) corrobora é possível que a musicalidade negra eletrônica popular brasileira contribua, para o exercício desta profissão, afinal, como evidencia Swanwick (2014), “música não é simplesmente um espelho

que reflete sistemas culturais e redes de crenças e tradições, mas pode ser uma janela que abre novas possibilidades” (p. 19)

REFERÊNCIAS

ANDREOLLA, L.E.F.; PIASENSK, V.M. A Musicoterapia no Hospital Psiquiátrico São Pedro. In: **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, RS, v.20, set.-dez. 2009

CANAL DA MIX. **Doc Mix** - A História do Funk Carioca - Parte 1. Youtube: 05 de novembro de 2013. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=xaZNWzKiO7U&t=30s>. Acesso: 12/03/2017

CUNHA, R. VOLPI, S. A prática da musicoterapia em diferentes áreas de atuação. In: **Revista científica da FAP**, Curitiba, v.3, p.85-97, jan./dez. 2008
 DIAS, Paulo. *Diásporas Musicais Africanas no Brasil*. In:
http://www.cachuera.org.br/cachuerav02/index.php?option=com_content&view=article&id=297:diaporasmusicaisafricanasnobrasil&catid=80:escritos&Itemid=89. São Paulo: S/D Acesso: 23/10/2016.

FERARRI, P.F., TIBÚRCIO, L. A. A Música como Instrumento de Intervenção e Análise em Musicoterapia: Composições Musicais em Saúde Mental e Drogadição. In: **Anais do XVIII Fórum Estadual de Musicoterapia**. Rio de Janeiro: 2012.

FRANCIO. Pedro Sasamoto. **A marginalidade do funk carioca em instituições musicais de Curitiba**. Monografia, UFPR: 2016.

GONÇALVES, P.A.P. A história da música brasileira para a Musicoterapia: agregando conhecimento ao musicoterapeuta. In: **Anais do Encontro Nacional de Estudantes de Musicoterapia**. Gramado/RS: 2010.

LOUREIRO. B.R.C. Arte, cultura e política na história do rap nacional. In: **Revista do Instituto Estudos Brasileiros**. N. 63, abr-2016.

MENEZES, C. **Porque nos EUA não tem batucada?** In:
<http://www.socialistamorena.com.br/por-que-nos-eua-nao-tem-batucada/> Acesso: em 19/09/2016.

PALOMBINI, Carlos. **Como tornar-se difícil de matar: Volt Mix, Tamborzão, Beatbox**. Trabalho apresentado no II Simpósio de Pesquisadores de Funk Carioca, Rio de Janeiro, 2015.

PINTO, Tiago de Oliveira. (2001). Som e música. Questões de uma antropologia sonora. **Revista de Antropologia**, 44(1), 222-286. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012001000100007>

ROMANELLI, Guilherme. Antes de falar as crianças cantam! Considerações sobre o ensino de música na Educação Infantil. In **Revista Teoria e Prática da Educação**, V 17, n. 3. Maringá, UEM, Set/Dez. 2014.

SANTOS, H. S. O RAP e o funk carioca em atendimentos musicoterapêuticos com adolescentes privados de liberdade. In: **Anais do VI Congresso Latino Americano De Musicoterapia**. Florianópolis/SC: 2016.

SANTOS, Hermes S.; TEIXEIRA, Célia F. S.; ZANINI, Claudia. Contribuições da musicoterapia para o fortalecimento da subjetividade de adolescentes participantes de um projeto social. In: **Opus**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 163-182, dez. 2011.

SWANWICK, Keith. **Música, mente e educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

TEPERMAN, R. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

TREEZE, G. **CYPHER. Santa Cruz #1** - Guilherme Treeze, Gah Mc, Helibrown e Flow Mc (prod. Bolin). Youtube: 2015 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WWFYLRwwJJ0>. Acesso em: 13/06/2017.

TREEZA, G. **Nego, tu sabe fazer RAP?** Youtube: 02 de janeiro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xgVsrtw7Tws>. Acesso em 12/06/2017

TV GAZETA. **Histórias do Rap Nacional | Rap das Antigas | Episódio 2**. Youtube: 05 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xlReo4nGDHw>. Acesso em 12/06/2017.

VIANA JUNIOR, H. P. **O Baile Funk Carioca**: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos. 1987. Tese. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro, 1987.

A MUSICOTERAPIA COMO MEDIADORA DO PROCESSO DE REABILITAÇÃO NEUROLÓGICA COM CRIANÇAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Fernanda Franzoni Zaguini¹⁶

RESUMO

Na literatura da musicoterapia encontram-se autores que desenvolveram recentes estudos sobre peculiaridades dos elementos musicais que produzem efeitos na fisiologia do ser humano, assim como estudos que abordavam, desde a década de 1970, maneiras de se pensar sobre os elementos musicais diante de um processo de reabilitação neurológica. Neste estudo, objetiva-se investigar teoricamente a musicoterapia como ferramenta mediadora no processo de reabilitação neurológica de crianças na primeira infância.

Palavras-chave: Musicoterapia. Reabilitação. Neurologia.

ABSTRACT

In the literature of music therapy are authors who have developed recent studies on the peculiarities of the musical elements that produce effects on the physiology of the human being, as well as studies that since the 1970s have dealt with ways of thinking about musical elements in the face of a process Of neurological rehabilitation. In this study, the objective is to investigate music therapy as a mediator in the neurological rehabilitation process of children in early childhood.

Keywords: Music therapy. Rehabilitation. Neurology.

INTRODUÇÃO

Entende-se que a música vivenciada no dia-a-dia contribui com a constituição da subjetividade das pessoas. Dessa maneira, segundo Cunha et al. (2007), as sonoridades podem ser consideradas como elementos psicossociais e terapêuticos uma vez que possibilitam a expressão e interpretação da realidade interna de pessoas individuais e coletivas. A autora ressalta que a música, por estar presente na dinâmica do dia a dia, se configura como um elemento capaz de

¹⁶ Formada Musicoterapeuta na UNESPAR - Faculdades de Artes do Paraná em 2016 e Musicoterapeuta do Instituto de Saúde e Reabilitação. Curitiba /Ponta Grossa - PR.

agregar significado e sentido aos fatos vividos. A musicoterapia desde os meados do século passado se constitui como um campo prático e teórico cuja práxis está centrada na utilização do som e seus parâmetros como elemento terapêutico, na compreensão do homem e da sua musicalidade.

Para Cunha et al. (2007) a musicoterapia é uma ciência que utiliza a música e os fenômenos acústicos para promover, prevenir ou reabilitar as funções motoras, cognitivas e afetivas das pessoas. Sabe-se que o ritmo é potencializador da expressividade no processo musicoterapêutico. O ritmo musical, concebido como movimento ordenado sonoro, tem como primeira virtude, estimular os princípios de vida que animam o reino vegetal e então, segundo Edgar Willems (1975) é a nossa vida vegetativa (vida fisiológica, motriz e dinâmica) que ele mais se manifesta, e evidentemente, se trata de ser considerado um elemento da arte musical de movimento orgânico. Por isso, nos coloca à frente de um problema que em parte sempre irá escapar às investigações científicas e nos obriga a recorrer à intuição supramental, baseada na unidade da vida e na experiência de práticas rítmicas.

Para Willems (1975) o ritmo, considerando basicamente seu aspecto fisiológico, influencia todos os aspectos da vida vegetativa, que são: a respiração, a circulação sanguínea, a assimilação do oxigênio, a eliminação do gás carbônico, o sistema nutritivo, todos os movimentos do corpo e principalmente a marcha e todos os seus derivados: o correr, o saltar, a dança, a natação. A maior parte desses atos se cumpre muito melhor sem a intervenção da consciência reflexiva humana e podem, sem bloqueios, ser estimulado por elementos da vida afetiva.

O ritmo é tão importante quanto à melodia. Sabe-se que melodia é uma sucessão coerente de sons e silêncios, que se desenvolvem em uma sequência linear com identidade própria e que é a voz principal, a que dá sentido a uma composição. As canções infantis que constituem o Cancioneiro Popular Infantil têm melodias nos campos harmônicos maiores, o que impulsiona o indivíduo a uma resposta emocional positiva.

Estas canções já foram utilizadas pela autora, em sessões de musicoterapia com crianças na primeira infância e mostraram respostas tanto para o elemento

musical ritmo, quanto para melodia. Por exemplo, em uma sessão realizada com uma criança de dois anos em uma clínica de reabilitação, foi possível observar que o paciente mostrou-se sorridente com as atividades musicais proposta pela musicoterapeuta e apreciou muito o som do violão durante canções infantis oferecidas. Começou a explorar o ritmo nos tambores tocando algumas vezes junto com o ritmo da canção e mostrando-se alegre ao som do tambor quando tocados com os dedos de maneira fraca e ascendendo à intensidade da batida. A partir daí, começou a produzir entonações vocais.

Cunha et. al (2007) descreve que a partir dos elementos sonoros a expressão musical, verbal e corporal manifestadas, passam a serem os pontos de partida para a ação musicoterapêutica e que esta ação tende a considerar a realidade da condição física, social e psíquica das pessoas. Percebe-se que a intervenção musicoterapêutica abrange os extremos do desenvolvimento de pessoas e que para Cunha et al., é na interação mediada pela música que o musicoterapeuta e os sujeitos participantes tornam-se sujeitos da ação. Contudo, segundo a autora, “essa prática se preocupa em trazer à consciência da pessoa a sua dimensão sonora a partir de interações mediadas pela linguagem musical, ou seja, a manifestação musical do sujeito torna-se o principal elemento interpretativo de sua subjetividade”. (p. 22)

Assim, a experiência musicoterapêutica constrói conexões com a realidade das crianças e neste momento, o acesso ao subjetivo manifesta-se em forma de som, movimento, emoção, lembranças. Isso significa que: “implicados nessa troca, musicoterapeuta e participantes ampliam limites, progredem na expressão da musicalidade.”. A partir desses pensamentos de Cunha et al. (2007, p. 23), os resultados manifestados são observados quando “a resposta musical da pessoa é reveladora de pautas identitárias, da dinâmica afetiva, do processo cognitivo e das possibilidades de movimentação e expressão corporal dos participantes.”. As experiências musicoterapêuticas se constroem a partir de dinamizar os elementos musicais, em uma manifestação em que a música é a ação, o fazer do indivíduo.

REFERÊNCIAS

ALTENMÜLLER, E., & Schlaug, G. Apollo's gift: new aspects of neurologic music therapy. **Prog Brain Res.** 217: 237-252. doi:10.1016/bs.pbr.2014.11.029 – 2015.

BRUSCIA, K. **Definindo musicoterapia.** Enelinvros: Rio de Janeiro. 2000.

CUNHA, Rosemyriam. Musicoterapia: uma prática clínica. **Anais do IX Fórum Paranaense de Musicoterapia.** 2007. Acessado em: 02/02/2017. Disponível em: <https://www.amtpr.com.br/2007> .

WILLEMS, E. **Introduccion a La Musicoterapia.** Sociedade Argentina de Educação Musical. Buenos Aires, 1975.

_____ **El Ritmo Musical: Estudio psicológico.** Editorial Universitária de Buenos Aires. Buenos Aires, 1954.

MUSICOTERAPIA E A INTERAÇÃO SOCIAL ENTRE ESTUDANTES EM UMA ESCOLA INCLUSIVA

Lindsay Fernandes da Silva¹⁷
Noemi Nascimento Ansay¹⁸

Sabe-se que no Brasil, a partir do final da década de 1990, por meio de instrumentos legais, portarias e recomendações nos âmbitos federal, estadual e municipal, a educação inclusiva passou a ser considerada como a forma mais adequada de atendimento aos estudantes com deficiência.

É de fundamental importância que se tenha em mente que “A inclusão educacional é um projeto gradativo, dinâmico e em transformação, que exige do Poder Público”, e da sociedade como um todo, “o absoluto respeito às diferenças individuais dos alunos e a responsabilidade quanto à oferta e manutenção dos serviços mais apropriados ao seu atendimento”. (MATISKEI, 2004, p. 196).

A inclusão de estudantes com deficiência na escola regular tem como objetivo favorecer a integração e a interação social dos estudantes no ambiente escolar, procurando, assim, evitar o isolamento, criar oportunidades de interação e diminuir o preconceito. (BATISTA, 2004).

De acordo com Ruud (1990) as intervenções musicoterapêuticas têm como objetivo aumentar as possibilidades de ação do sujeito tanto em questões individuais, quanto em questões sociais. Cunha (2003) afirma que a música pode fornecer meios para a expressão e estimular a verbalização possibilitando uma interação com a realidade em que se está inserido.

Esta pesquisa teve como objetivo, analisar quais os aspectos sonoro-musicais e atitudinais podem oportunizar a interação social em encontros de musicoterapia e em que medida esses encontros podem contribuir para a inclusão de alunos com deficiência.

¹⁷ Graduanda em Musicoterapia pela UNESPAR-FAP. lindsay2012@hotmail.com

¹⁸ Docente do curso de Bacharelado em Musicoterapia da UNESPAR-FAP.
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2522951277654216>.

A pesquisa foi de caráter exploratório e a metodologia utilizada, a pesquisa de campo. A pesquisa foi realizada em uma escola particular de educação básica regular da cidade de Curitiba. Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, o projeto foi previamente submetido e aprovado pelo Comitê de Ética do Campus Curitiba II, Nº CAAE 57148316.9.0000.0094 e os pais dos estudantes preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a participação dos menores. A pesquisadora conduziu seis encontros musicoterapêuticos, com uma turma de 5º ano, onde havia estudantes com deficiência. A coleta de dados foi realizada a partir de filmagens, fotos, relatórios e uma ficha de observação. Os resultados foram analisados através de uma análise temática em uma perspectiva qualitativa (GIL,1991).

O grupo foi formado por 11 alunos (sete meninos e quatro meninas). Dez deles são do 5º ano e um é do 1º ano, mas como participa das aulas especiais, lanche e recreio com a turma do 5º ano, foi incluído. Destes 11 alunos, oito tem dez anos, um, nove, um, 16, e um, 18 anos.

Esse grupo tem dois alunos com deficiência. Um deles é o Luciano (nome fictício), de 16 anos, que apresenta um atraso intelectual, não está alfabetizado. Outro aluno com deficiência é o Everton (nome fictício), de 18 anos, que estuda no 5º ano, tem diagnóstico de paralisia cerebral e atraso intelectual, anda e fala com certa dificuldade. Ele é alfabetizado, recebe atividades adaptadas e o auxílio da professora.

Apresentamos, no Quadro 1, uma síntese das experiências sonoro-musicais de Bruscia (2016), utilizadas nos seis encontros de musicoterapia, bem como as atitudes de oferecer e compartilhar instrumentos musicais e oferecer canções para os colegas.

QUADRO 1 – EXPERIÊNCIAS MÚSICAIS NOS ENCONTROS DE MUSICOTERAPIA

Encontros de musicoterapia	1º	2º	3º	4º	5º	6º
Recreacionais	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Improvisativas	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Sim
Composicionais	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
Receptivas	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Oferecimento de canções	Sim	Não	Não	Não	Não	Não

Oferecimento de instrumentos musicais	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim
---------------------------------------	-----	-----	-----	-----	-----	-----

FONTE: Atendimentos de musicoterapia na Escola (2016).

Em relação aos aspectos atitudinais observados nos seis encontros de musicoterapia, considerados como interação social, destacamos que houve uma proximidade física (com reservas) em todos os atendimentos. Com relação aos vínculos de amizade observou-se que havia um envolvimento entre os estudantes, mas que este era diferenciado com relação aos estudantes com deficiência, mostrando pouco envolvimento. Quanto a atitudes que denotassem apoio à acessibilidade dos estudantes com deficiência, não houve nenhuma. Com relação a aceitação das diferentes manifestações sonoro-musicais por parte dos estudantes com deficiência, todos demonstraram acolhimento. Já quanto ao respeito às diferenças dos estudantes e suas formas diferenciadas de comunicação todos demonstraram aceitação. Por fim, observou-se a participação dos estudantes com deficiência na interação coletiva e constatou-se que ela só acontecia por meio da mediação da pesquisadora.

Por isso, com base nos aspectos analisados, consideramos que a escola é um espaço para o exercício de práticas inclusivas do qual faz parte toda a comunidade escolar: professores, alunos, funcionários e também os terapeutas que podem atuar como mediadores no processo. Neste sentido, os encontros de musicoterapia contribuíram para que os estudantes vivenciassem a interação social de forma processual e progressiva, se aproximando e compartilhando suas diferenças e semelhanças por meio de experiências musicais.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Marcus Welby; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Inclusão escolar e deficiência mental: análise da interação social entre companheiros. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 101-111, 2004.

BRUSCIA, Keneth E., **Definindo musicoterapia**. Trad. por Marcus Leopoldino. Barcelona Publishers, 2016.

CUNHA, Rosemyriam. **Jovens no espaço interativo da musicoterapia: o que objetivam por meio da linguagem musical.** 2003.169f. Dissertação (mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba 2003.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MATISKEI, Angelina Carmela Romão Mattar. Políticas públicas de inclusão educacional: desafios e perspectivas. **Educar em Revista**, n. 23, p. 185-202, 2004.

RUUD, Even. **Os caminhos da musicoterapia.** Buenos Aires: Bonum, 1990.

INSTRUMENTOS DE SOPRO EM MUSICOTERAPIA: UM RELATO DE CASO

Camila Siqueira Gouvêa Acosta Gonçalves¹⁹

INTRODUÇÃO

Esse relato de caso visa contribuir para o campo da Musicoterapia no que tange ao uso de instrumentos de sopro com crianças na área de reabilitação.

INSTRUMENTOS DE SOPRO EM MUSICOTERAPIA

Literatura Preliminar

Em relação à avaliação da motricidade oral em Musicoterapia, Baxter et al. (2007) preveem a avaliação dessas funções na escala IMTAP (*The Individualized Music Therapy Assessment Profile*) traduzida e validada por da Silva (2012) para o Português Brasileiro. A população para avaliação da escala é de crianças entre 5 a 12 anos com transtorno do espectro do autismo, e as funções avaliadas são desde a tolerância de instrumentos à boca até o uso de coordenação motora fina integrada ao som e movimento (DA SILVA, 2012).

Em relação a intervenções, os autores Shibuya e Correa (2016) relatam os benefícios do uso da flauta doce como um instrumento exploratório e intermediário no atendimento de um paciente de cinco anos com Transtorno do Espectro do Autismo, fazendo uma leitura de atendimento a partir de Benenzon. Segundo os autores, o paciente passou não somente a vocalizar aos escutar melodias tocadas

¹⁹ Musicoterapeuta, CPMT 197/07 PR, graduada em Musicoterapia pela UNESPAR, pedagoga pela UFPR, educadora brinquedista pela ABBRi e mestra em Artes Terapias Criativas- Musicoterapia pela Un. Concordia, Canadá. lattes.cnpq.br/9121104314237383
E-mail: mt.camilasgagoncalves@gmail.com

nesse instrumento, o qual era de sua preferência mesmo antes dos atendimentos, mas também a tocar flauta doce e a ampliar a qualidade e a quantidade de sua expressão oral após 40 sessões, falando inclusive novas palavras e adquirindo autonomia em atividades de vida diária (SHIBUYA & CORREA, 2016).

Berger (2008) também relata o uso de instrumentos de sopro em Musicoterapia e em colaboração com Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional no caso de um paciente de 8 anos com síndrome de X-Frágil. Esse paciente, a quem a autora chama de Randy, costumava andar e murmurar ao mesmo tempo. Apesar de a equipe não conseguir encontrar o motivo para Randy executar ambas as ações, a musicoterapeuta propôs que ele tocasse o kazoo e a flauta doce, o que foi também trabalhado em outras terapias. Após um ano, Randy não andava mais murmurando. Ele separou as atividades, uma vez em que redirecionou o murmurar para tocar o kazoo. Mesmo após deixar de tocar o kazoo, seu andar passou a ser silencioso. Assim como Shibuya & Correa, Berger (2008) relata que a flauta doce o auxiliou no desenvolvimento de sua expressão oral, porém ela traz um embasamento da integração sensorial e neurociência para fazer a leitura do caso.

Mertel (2014) discorre sobre uma técnica da Musicoterapia Neurológica intitulada OMREX, uma sigla para exercícios respiratórios e de motricidade oral (*oral motor and respiratory exercises*, tradução livre da autora), com base em exercícios vocais e de respiração. A autora menciona os instrumentos flauta doce, gaita, escaleta e kazoo e suas possibilidades de estimulação a partir de suas características, sugerindo alguns exercícios (MERTEL, 2014), tanto para fins de produção de fala, quanto de ampliar capacidade respiratória e da musculatura relacionada.

Relato de Caso

A paciente aqui identificada como Lúcia tem sido atendida em Musicoterapia desde seus 9 meses, e com a musicoterapeuta em questão desde 3 anos e 8 meses, e hoje tem 6 anos. Ela tem uma Paralisia Cerebral como sequela de citomegalovírus. Em decorrência disso, ela tem dificuldades na produção de fala, na integração sensorial, na sucção, na coordenação motora, com menor

capacidade respiratória, e desafios nas funções cognitivas como atenção e memória. Ela se comunica com uma adaptação do PECS (*The Picture Exchange Communication System*), com uso de cartões (ALMEIDA, PIZA & LAMÔNICA, 2005). Em avaliação musicoterapêutica inicial, em junho de 2014, percebeu-se uma preferência por sons agudos e por melodias, em especial pela flauta doce.

Inicialmente, a flauta foi usada de maneira exploratória, trabalhando funções de atenção concentrada e na tarefa. A musicoterapeuta tocava melodias curtas, e Lúcia acompanhava segurando sua própria flauta. Lúcia apresenta alguns reflexos primários e tem dificuldades em assoprar e em sugar, e por cerca de 1 ano e meio, ela pôde colocar a flauta até a sua boca com apoio, porém com dificuldade em fechar a boca para tocar, bem como para assoprar.

Para proporcionar essa experiência de tocar, a musicoterapeuta contou com objetos auxiliares como bolinhas de isopor em um copo ou outros recursos visuais, chegando a montar uma adaptação com um pequeno apito com som agudo e que produz som tanto na inalação quanto na exalação e em sua máscara. Tal adaptação proporcionou uma possibilidade de ela estar mais incluída no fazer musical, apesar da dificuldade de vedar a boca. Assim, a emissão do ar se tornou possível, e essa atividade lhe proporciona tanto uma estimulação na respiração, quanto a oportunidade de fazer música em conjunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve a intenção de trazer literatura atualizada, assim como uma possibilidade de adaptação a instrumentos de sopro a partir de um relato de caso. Espera-se que ele contribua para o diálogo nesse campo da reabilitação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A.; PIZA, M. H. M.; LAMÔNICA, D. A. C. Adaptações do sistema de comunicação por troca de figuras no contexto escolar. **Pró-Fono R. Atual. Cient.**, Barueri v. 17, n. 2, p. 233-240, Agosto de 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-

56872005000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso dia 15 de Junho de 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-56872005000200012>.

BAXTER, H. T.; BERGHOFER, J. A.; MACEWAN, L.; NELSON, J.; PETERS, K.; ROBERTS, P. **The Individualized Music Therapy Assessment Profile: IMTAP**. Londres e Filadélfia: Jessica Kingsley Publishers, 2007.

BERGER, D. S. **Music Therapy, Sensory Integration and the Autistic Child**. [kindle ebook] Londres e Filadélfia: Jessica Kingsley Publishers, 2008.

DA SILVA, A. M. Tradução para o Português Brasileiro e Validação da Escala Individualized Music Therapy Assessment Profile (IMTAP) Para Uso no Brasil. 2012. 120 f. Dissertação (Mestrado em Saúde da Infância e Adolescência). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MERTEL, K. Oral Motor and Respiratory Exercises. In THAUT, M. H.; HOEMBERG, V. (eds) **Handbook of Neurologic Music Therapy**. p.161-178. Oxford University Press: Reino Unido, 2014.

SHIBUYA, M. A. A.; CORREA, M. G. A importância da flauta doce no desenvolvimento da linguagem: estudo de caso. In VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MUSICOTERAPIA. Número 1, ano 2016. Florianópolis, Brasil. *Anais do VI Congresso Latino Americano de Musicoterapia*. UBAM: Florianópolis, 2016. ISSN 2525-3239, p. 336-340.

INTERVENÇÃO MUSICOTERAPÊUTICA COM PESSOAS IDOSAS APOSENTADAS DO ESTADO DO PARANÁ: UM PROJETO DE EXTENSÃO

Mariana Lacerda Arruda
Isabella Bonfante
Marcella Ventola Bravin
Thabata Moraes
Gislaine Cristina Vagetti

Segundo dados do IBGE (2012) o número de idosos no Brasil dobrou nos últimos 20 anos, e segundo projeções das Nações Unidas, uma a cada nove pessoas no mundo, tem mais de 60 anos, e a estimativa é que por volta do ano de 2050, o número de idosos seja de um a cada cinco. O que levaria a um número maior de idosos do que pessoas menores de 15 anos. Contudo, pode-se observar que apesar das melhorias terem contribuído para o prolongamento da vida, os serviços de saúde, no âmbito da estrutura e do funcionamento, não acompanharam esse avanço, no Brasil. (KANSO, 2013).

Conforme relatório publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre Envelhecimento e Saúde, em 2015, pode-se constatar que além da maior expectativa de vida atual dos indivíduos, em todo o mundo, sabe-se hoje que não há perfil tipicamente de idoso. Encontram-se pessoas com 80 anos mais ativas e com melhores condições físicas e cognitivas do que pessoas com 50 anos, por exemplo. Segundo a OMS, o que deve ser feito é estruturar a política de forma que um maior número de pessoas consiga envelhecer saudavelmente. O relatório apresenta ainda, a necessidade de derrubar as barreiras que impedem a participação social contínua do idoso, e a importância de uma política mais ampla onde a diversidade da fase idosa seja atendida.

Medeiros e Zanini (2013) afirmam que no processo de envelhecimento as pessoas sofrem diversas transformações físicas, mentais e psicológicas, além de mudanças sociais, portanto faz-se necessário um investimento na manutenção ou melhoria na qualidade de vida desses. E a musicoterapia pode atuar como uma modalidade nesse processo, de forma que se vise a reabilitação ou preservação

das funções cognitivas.

Segundo Zanini (2009) a musicoterapia pode estabelecer melhores condições de comunicação, mobilização, expressão e organização, com o objetivo de melhorar o relacionamento interpessoal e intrapessoal. A contribuição individual enriquece a produção de todo grupo, de forma que estimula a cognição e proporciona melhor qualidade de vida. A música e o musicoterapeuta proporcionam descoberta de novas possibilidades para o indivíduo, proporcionando situações que muitas vezes foram deixadas de lado, no decorrer da vida.

Diante do exposto foi elaborado um projeto de extensão com o objetivo de proporcionar uma melhor qualidade de vida para essa população. Está sendo realizado com pessoas aposentadas e pensionistas do Estado do Paraná, com idade igual ou superior a 60 anos, participantes do Programa Viver a Vida, presente no Paraná Previdência. Realiza-se dois encontros semanais com uma hora de duração cada, e tem 25 participantes, sendo 21 mulheres e 4 homens.

As intervenções musicoterapêuticas tem enfoque na estimulação cognitiva, onde são trabalhados os seguintes aspectos: atenção, concentração, percepção, linguagem e memória. Nesse processo são realizadas atividades que envolvem dados pessoais, biografia sonoro-musical, canções trazidas pelos participantes, novas canções levadas pela musicoterapeuta, exploração de instrumentos musicais, dos sons do corpo, da percepção auditiva, sempre respeitando as limitações dos participantes e com o consentimento de todos.

Ainda, são trabalhadas atividades onde as pessoas estimulem sua memória, com a lembrança de nomes de cantores e cantoras, letras de músicas e melodias. Atividades que estimulem a percepção, onde as pessoas tenham que reconhecer o gênero musical, o pulso e a fórmula de compasso. Atividades onde através de uma frase tenham que reconhecer a canção, além da exploração rítmica nos instrumentos de percussão, onde tenham que criar células rítmicas para que os demais participantes copiem. Para estimulação da linguagem, é feita a leitura da letra das canções e debate sobre as mesmas. Além do desenvolvimento de paródias em grupo para reflexão sobre aspectos pessoais e

interação do grupo. São utilizados instrumentos musicais de percussão, violão, e aparelho de som, quando necessário.

Observa-se que atualmente o grupo já interage com facilidade, apresenta interesse em desenvolver as atividades musicoterapêuticas com sugestões de canções e novos conteúdos musicais. Alguns relataram que voltaram a frequentar casas de show, e que lembram dos encontros durante a semana em suas atividades de rotina. Alguns trouxeram partituras antigas que tinham guardadas em casa e há muito tempo não mexiam, alguns tomaram a iniciativa de imprimir novas canções e fizeram questão de imprimir uma cópia para cada participante, e aos poucos, percebe-se que os participantes tem mais facilidade para acompanhar as atividades rítmicas-sonoras e canções.

Desta forma, este projeto de extensão pretende proporcionar momentos de estimulação cognitiva (atenção, concentração, percepção, linguagem e memória) e social, por meio das técnicas da Musicoterapia, com intuito de colaborar na qualidade de vida das pessoas idosas participantes.

REFERÊNCIAS

IBGE. **Dados sobre o envelhecimento no Brasil**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2012. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadosobreoenvelhecimentonoBrasil.pdf>. Acesso em 02 de maio de 2016.

KANSO, S. **Processo de Envelhecimento Populacional** – um panorama mundial. VI Workshop de análise ergonômica do trabalho. Disponível em: <http://www.ded.ufv.br/workshop/docs/anais/2013/Solange%20Kanso.pdf>. Acesso em 02 de maio de 2016.

MEDEIROS, I.; ZANINI, C. **A musicoterapia na preservação da memória e na qualidade de vida de idosos institucionalizados**. Dissertação de mestrado da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2013.

ZANINI, C. R. **O efeito da musicoterapia na qualidade de vida e na pressão arterial do paciente hipertenso**. 2009. Tese de Doutorado Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde – UFG.

OS SENTIMENTOS QUE MULHERES NEGRAS EXPRESSAM EM ATIVIDADES MUSICOTERAPÊUTICAS

Michele Mara Domingos dos Reis²⁰
Rosemyriam Cunha²¹

A dominação racial que ocorreu no Brasil pelo tráfico de negros escravizados ainda repercute na subjetividade das pessoas de origem negra. O sofrimento das mulheres negras vem desde os tempos da escravidão no Brasil. Elas eram consideradas boas parideiras, boas para satisfazerem os desejos sexuais dos seus donos, boas amas de leite, boas para o serviço doméstico. Madeira (2004) afirma que, “as negras sofrem duplamente tanto pelas condições de gênero, como de etnia, e a tradição escravagista continua legitimando formas de violência, práticas impunemente toleradas de utilização dessas mulheres como coisa” (MADEIRA, 2004, p.1)

Refletindo sobre a história da formação da nossa sociedade, sobre minha experiência de vida e ainda sobre relatos de mulheres que participam de movimentos da população negra, pude observar que muitas coisas não mudaram. Ainda hoje a mulher negra se sente só, deixada de lado nos relacionamentos amorosos. Elas se percebem como objeto sexual, sofrem com o desrespeito e violência doméstica e se tornam solitárias responsáveis pela criação dos filhos. Porém, esse movimento é comum para muitas mulheres e quando aliado ao fator classe social e população negra, há um diferencial marcado pela condição de raça.

²⁰Graduada no curso de Bacharelado em Musicoterapia na UNESPAR Campus II - Curitiba - Faculdade de Artes do Paraná, 2016, cantora, formada em Canto Popular pelo Conservatório de MPB de Curitiba (2007) e atriz. Email: blackmimara2@gmail.com
Trabalho de conclusão do curso de graduação de Bacharelado em Musicoterapia – UNESPAR – Campus de Curitiba II/FAP – 2016, foi submetido ao comitê de ética e aprovado sob o CAEE nº 56744316.5.0000.0094.

²¹Professora do curso de Bacharelado em Musicoterapia na UNESPAR Campus II Curitiba - Faculdade de Artes do Paraná. Doutora em Educação (UFPR, 2008) com pós-doutorado em Educação Musical na McGill University, Canadá (2011). Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4775078J6> Email: rose05@uol.com.br

Outra questão bastante forte ainda hoje é o racismo. É comum ouvir relatos que homens negros procuram relacionar-se com mulheres brancas. Ou também a constatação de que quanto mais clara a negra for, mais ela é aceita na sociedade, e quanto mais negra for a cor da sua pele, mais ela sofre.

Somado a estes fatos, observa-se que historicamente, a música sempre esteve presente nas situações na vida do negro. Nas manifestações culturais nas senzalas e como forma de expressão de sentimentos. Na música brasileira, temos exemplos de mulheres como a cantora Elza Soares. Músicas interpretadas por ela apresentam motivação e reflexão acerca da identidade racial, da luta do povo negro, além da contribuição para o empoderamento feminino negro, como na letra da canção “A Carne”, onde a artista canta: “A carne mais barata do mercado é a carne negra [...] Mas mesmo assim, ainda guardo o direito de algum antepassado da cor brigar por justiça e por respeito” (SEU JORGE, YUCA, CAPELLETTE, 2002).

Acredita-se que, por estar presente no cotidiano do ser humano e por causar efeitos sobre o organismo físico e mental humano, a música possibilita a expressão dos sentimentos que temos acerca do que vivemos. Para Bruscia (1998) a musicoterapia é, “a utilização da música em um ambiente específico para inspirar, liberar e nutrir o processo de descoberta de cada indivíduo”. Assim, a iniciativa de estudar a relação da música e sentimentos de mulheres negras pela perspectiva da prática e da teoria da musicoterapia se faz necessária.

Sobre a expressão de sentimentos em atividades musicoterapêuticas, encontramos uma pesquisa realizada por Peixoto (2011), sob o título: “Musicoterapia comunitária em um bairro de Goiânia: uma contribuição para a política nacional de saúde integral da população negra”. No trabalho, a autora afirma que “a Musicoterapia contribui para as pessoas reconhecerem que o direito ao pertencimento assegurado lhes tornam capazes de descobrir os fatores positivos que fortalecem sua saúde”. (p.30)

A autora acrescenta que “descobrir o que lhe faz sofrer, o que provoca mal-estar é o primeiro passo para a promoção da saúde” de mulheres negras e assim, compreender os sentimentos e pensamentos a respeito de suas vidas e

experiências pessoais em atividades musicoterapêuticas. Depois disso é que se pode promover o fortalecimento da identidade feminina e o empoderamento dessas mulheres. (PEIXOTO, 2011, p.211)

A presente pesquisa, de caráter qualitativo, teve como objetivo compreender os sentimentos e pensamentos de mulheres negras a respeito de suas vidas e experiências pessoais, por meio de uma vivência musicoterapêutica. O estudo foi desenvolvido sob o conceito da pesquisa viva, tecido pela educadora musical e pesquisadora de artografia, Rita Irwin (2013), dando destaque para os temas recorrentes nos dados e também com as percepções do pesquisador quanto às expressões como os sons, imagens, performances e palavras, em interligações que buscam a construção de significados adicionais em uma “conversação relacional” (IRWIN, 2013, p.30).

Duas mulheres negras que participaram da pesquisa, Hester tinha 58 anos, era pastora, cuidadora de idosos, divorciada e 4 filhos. Nilda 55 anos, era cozinheira aposentada, viúva, 3 filhos, ensino médio completo e formada no curso de chef de cozinha. As participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecidos e foram aqui chamadas por nomes fictícios para atender às normas ética da resolução 244/2012.

A construção dos dados constou de um processo de três etapas, que foram realizadas uma em continuidade da outra. Na primeira fase houve a participação em uma vivência de encontro de musicoterapia em grupo pela manhã no encontro aberto em musicoterapia. O encontro aberto em musicoterapia, é uma reunião mensal, em que participaram pessoas atendidas no Centro de Atendimento de Musicoterapia, juntamente com suas famílias, amigos e convidados de toda a comunidade. A atividade faz parte do projeto de extensão, ofertado pela Universidade Estadual do Paraná-UNESPAR.

A segunda fase foi dedicada à entrevista. A casa da pesquisadora, foi considerada pelas participantes um ambiente reservado e adequado para se fazer a entrevista e a vivência musicoterapêutica. Uma terceira parte foi da escolha de uma canção significativa, da execução da canção e da interpretação do seu significado na vida das participantes. A análise resultou em agrupamentos

temáticos que mostraram que as mulheres foram capazes de resistir e buscar soluções de superação para eventos vivenciados.

Ao participarem da musicoterapia em grupo, as mulheres relataram que não sabiam como era participar de uma vivência em grupo. Elas também destacaram, na entrevista, experiências difíceis de superar, como perdas, solidão e depressão. Para elas, recomeçar foi preciso, então foram estudar para ter uma profissão e assim criar os filhos.

Entre os gêneros de música ouvidos pelas mulheres estavam o sertanejo, gospel, rock e MPB (as “músicas românticas”, como elas disseram). Para iniciar a vivência musicoterapêutica, as participantes foram convidadas a lembrar de uma música que elas gostassem bastante, a palavra “Vitoriosa” título da canção de Ivan Lins (1986) foi então, o disparador para a vivência, canção que evocou lembranças do passado, sentimentos experienciados na vida das mulheres.

Ao cantarem a frase “que a vida pode ser maravilhosa” as mulheres reafirmaram coragem e força, pois, apesar das dificuldades que passam ao longo da vida, não se deixam abater. ELAS enfrentaram seus problemas e hoje escolhem as profissões que querem exercer, os relacionamentos que querem manter, as atividades às quais querem se dedicar.

A abordagem social e comunitária foi oportuna para o desenvolvimento dessa pesquisa uma vez essa abordagem trabalha com aspectos culturais e relacionais da vida cotidiana. Acredita-se que participações em estudos como este, e em ações baseadas no fazer musical e em vivências propostas pela prática da musicoterapia possam fortalecer as mulheres negras e promover mudanças no seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. Enelivros, Rio de Janeiro, 1998

IRWIN, Rita L. A/r/tografia. In: DIAS, B.; IRWIN, R. (Or.), **Pesquisa educacional baseada em arte**: artografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p.27-38.

LINS, Ivan. Vitoriosa. In: **Ivan Lins**. Ivan Lins: Som Livre. p.1986. 1LP.

SEU JORGE; YUCA, Marcelo; CAPELLETTE, Wilson. A carne. In: **Do cóccix até o pescoço**. Elza Soares. Tratore. p.2002. 1CD, digital, estéreo.

MADEIRA, Z. Mulher negra no Ceará. **Destaques do Governo**. Brasília: Ministério da Saúde. Ceará. 2004. p.1

PEIXOTO Maria da Conceição de Matos. **Musicoterapia comunitária em um bairro de Goiânia: uma contribuição para a política nacional de saúde integral da população negra**. 240 f. Dissertação de Mestrado - Setor de Música - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011. Disponível em: <<https://mestrado.emac.ufg.br/up/270/o/MARIA_DA_CONCEI%C3%87AO_DE_MATOS_PEIXOTO.pdf?1337620213%20> Acesso em: 26/11/2015

WONDERLAND, VOZES DE UMA TURQUIA.

Sheila Beggiato
Andressa Dias Arndt

Este trabalho narra a experiência estética que tivemos durante uma visita que realizamos a 31ª Bienal de São Paulo em 2014. Este tema tornou-se capítulo do livro: *Visita à Bienal: Diálogos Bakhti(Vigotski)anos*, lançado em 2015 pela Editora CRV. Compreendemos uma experiência estética como um tipo particular de experiência que é da ordem do acontecimento e que, pela afecção, tem potência para provocar respostas, abrir questões e inscrever algo em nossa subjetividade (SPINOSA, 1663/ 2013; CARERI, 2009; BAKHTIN, 2008; VIGOTSKI, 1998).

Escolhemos descrever a experiência que tivemos com a obra *Wonderland*, do artista turco Halil Altindere. Altindere faz uso de diferentes linguagens, dentre elas: vídeos, fotografias, pinturas, esculturas. Em linhas gerais o artista promove por meio de suas criações uma crítica aos sistemas repressivos presentes no contexto social e político da Turquia. Em *Wonderland*, Altindere faz uso da linguagem visual e sonora do Rap. O artista conta com a participação do grupo de Hip-Hop Tahribad-ı İsyân e denuncia a destruição de assentamentos de Sulukule, região central de Istambul, devido ao processo de gentrificação.

As cenas apresentam jovens ciganos correndo da polícia, ao som de um Rap, apresentando as formas de resistência de um coletivo para com medidas opressivas de marginalização por parte do Estado. Dentre todas as afecções de nossa experiência, escolhemos dialogar, neste trabalho, com um determinado trecho do vídeo em que os jovens cantam: “*Deixe a arte e a música serem seus armamentos*”. Apresentamos a potência do fazer musical coletivo como forma de criação de resistências frente a processos de subalternização.

Wonderland retrata a voz de um povo que foi às ruas na Primavera turca de 2013 nos protestos contra a demolição do parque Gezi, realizada devido empreendimentos imobiliários. Mas ao nos sentirmos afetadas pela obra, não nos

restringimos ao contexto turco, antes, miramos a potência da arte como forma de expressão e resistência de coletivos.

Ao assumirmos a posição de espectadoras renunciamos uma premissa de que o ouvinte é passivo, antes, assumimos que o espectador é também (re)criador, e a ele pertence a possibilidade de dar o acabamento estético à obra com a qual se afeta (RANCIÈRE; 2010; BAKHTIN, 2008). Marcamos assim que a arte pode provocar a criação de outras ações, sejam elas políticas, estéticas ou científicas/acadêmicas (VIGOTSKI, 1998; RANCIÈRE, 2005).

Por fim, dialogamos com Rancière (2005) quando propõe pensar que a arte e a política se encontram quando denunciam e tensionam os modos de ser, ver, ouvir e pensar no/o mundo.

REFERÊNCIAS

- Halil Altindere. (2013). *Wonderland*. Disponível em <http://www.frequency.com/video/89plus-marathon-halil-altinderes/157706116/-/5-15143652>
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoievski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2008.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- RANCIÈRE, Jacques. (2005). *Política da Arte*. Disponível em: www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/206.rtf Acesso em 22.07.2014.
- RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. *Urdimento* – Revista de Estudos em Artes Cênicas. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Teatro. v. 1, n. 15, p. 107-122, Out. 2010. Tradução de Daniele Ávila.
- SPINOSA, Baruch. *Ética*. 2 ed. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2013. Trabalho original publicado em 1663.

VIGOTSKI, Lev S. *Psicologia da arte*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Trabalho original publicado em 1925.

Minicurso: **MUSICOTERAPIA E ENVELHECIMENTO**

Claudia Regina de Oliveira Zanini (UFG)²²

RESUMO

O envelhecimento é um processo ao longo da vida que acontece, simultaneamente, de forma universal e individual. A população brasileira está passando por uma mudança significativa e nas próximas décadas teremos uma pirâmide populacional com a maior parte acima dos sessenta anos, ao invés de jovens. Com o presente minicurso pretendemos apresentar e refletir, junto aos participantes, o papel da Musicoterapia enquanto uma terapia complementar ou integrativa que acompanha essa fase da vida. Apresentaremos o musicoterapeuta como um profissional que, inserido em equipes e espaços diferenciados, atua nos processos de senescência ou senilidade, contribuindo com ações que podem envolver a avaliação, a prevenção, a promoção da saúde e o tratamento. O minicurso terá uma abordagem teórico-vivencial, visto que os participantes terão a oportunidade de apreender conteúdos, refletir sobre a prática e vivenciar uma abordagem musicoterapêutica que temos desenvolvido e definido como Coro Terapêutico, desde 2002.

²² Doutora em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (UFG); Mestre em Música, Especialista em Musicoterapia em Educação Especial e em Saúde Mental; e, Graduada em Piano pela Escola de Música e Artes Cênicas - EMAC/UFG; Bacharel em Administração de Empresas/Pontifícia Universidade de Goiás. Pesquisadora e Professora do Curso de Musicoterapia e do PPG-Música da EMAC/UFG, dos quais foi coordenadora. Presidente da Comissão de Pesquisa e Ética da *World Federation of Music Therapy* (WFMT). Coordenadora do NEPEV-UFG (Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Envelhecimento). Membro do Conselho Científico da AGMT – Associação Goiana de Musicoterapia. Email: mtclaudiazanini@gmail.com Link para currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8042694592747539>